

Autorização concedida a Biblioteca Central da Universidade de Brasília pelo autor José Airton Costa Júnior para disponibilizar a obra, gratuitamente, de acordo com a licença conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da obra, a partir desta data.

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis.

Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Referência

COSTA JUNIOR, José Airton. **Sergio Rodrigues e o mobiliário moderno da Universidade de Brasília**. Brasília, DF: Tagore, 2021. 103 p., il. color.



José Airlton Costa Junior é arquiteto e urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará - UFC. Mestre em Arquitetura e Urbanismo - Teoria, História e Crítica pela FAU - UnB.

Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela FAU - UnB. Linha de pesquisa Patrimônio Cultural e Preservação.

Professor de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário de Brasília - CEUB.

Integrante do grupo de pesquisas Cidades Possíveis (CPO) - FAU-UnB.

Seus estudos se concentram na relação entre Arte, Arquitetura, Moderno e o Design Industrial Brasileiro.

APPO

M A B

MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA



STUDIO
AQUILES
GALLERY

ARTS AND DESIGN

REALIZAÇÃO

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal



SECRETARIA DE
CULTURA E
ECONOMIA CRIATIVA



INSTITUTO FEDERAL
BRASIL



INSTITUTO
SERGIO
RODRIGUES



José Airlton Costa Junior · SERGIO RODRIGUES E O MOBILIÁRIO MODERNO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Capa: Ilustração de Sergio Rodrigues para a Poltrona Dois Candangos. Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.

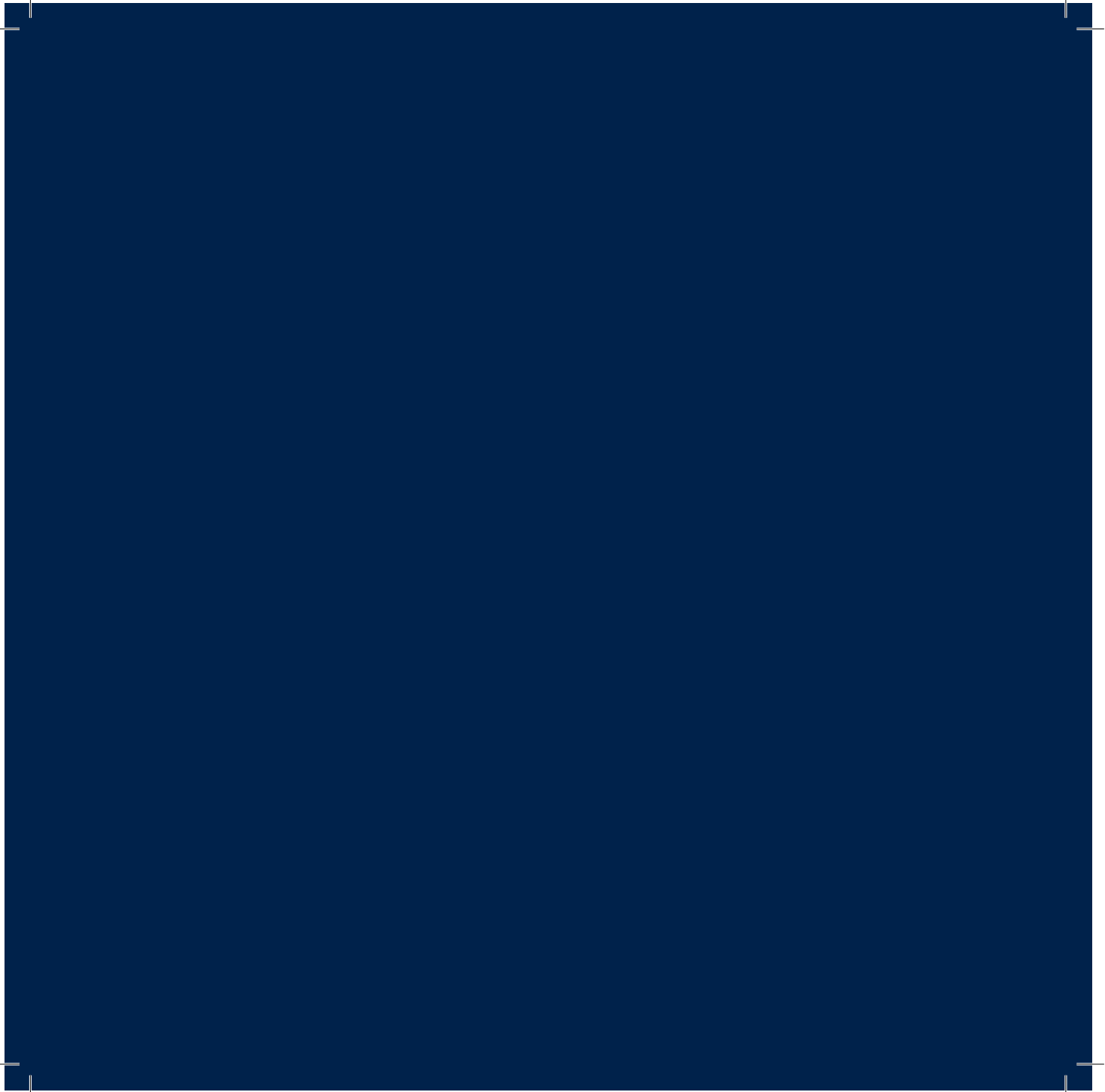
SERGIO RODRIGUES

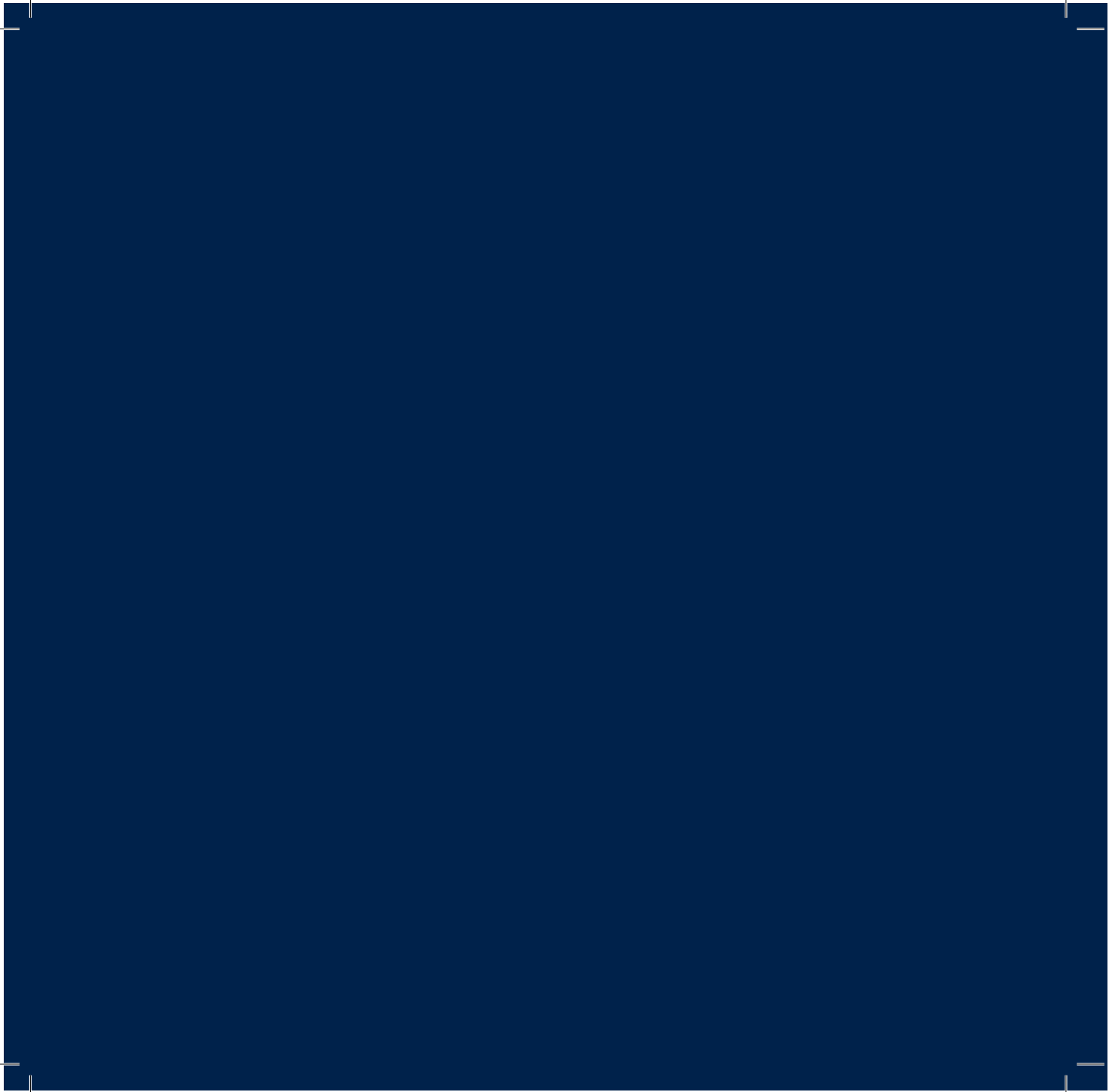
E O MOBILIÁRIO MODERNO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



José Airlton Costa Junior







SERGIO RODRIGUES

e o Mobiliário Moderno da Universidade de Brasília

PESQUISA, COORDENAÇÃO E CURADORIA

José Airton Costa Junior

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Erika Albuquerque

DESIGN GRÁFICO

Renato Palet

IDENTIDADE VISUAL

José Airton Costa Junior

FOTOGRAFIA DE MOBILIÁRIO PARA CATALOGAÇÃO

Erika Albuquerque

FOTOGRAFIA DE ARQUITETURA E INTERIORES

José Airton Costa Junior

MUSEOLOGIA

Renata Fontes Freire

GESTÃO DE MÍDIAS SOCIAIS

Luiz Felipe Gaboardi Lins

PROJETO EXPOGRÁFICO

Mark Greiner e José Airton Costa Junior

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Rodrigo Rodrigues Martins

C837s Costa Junior, José Airton.
Sergio Rodrigues e o mobiliário moderno da Universidade de Brasília / José Airton Costa Junior.-- Brasília, DF : Tagore ed., 2021.
103 p. : il. , color.

Inclui bibliografia.
Apoio: MAB, PPG - FAU - UnB e ISR.
Recursos FAC
ISBN 978-85-5325-100-1

1. Arquitetura, estilo. 2. Mobiliário, UnB. 3. Patrimônio, UnB.
I. Rodrigues, Sergio. II. Título.

CDU 72.02

Ficha elaborada por Iza Antunes Araujo CRBI - 079

SERGIO RODRIGUES

e o Mobiliário Moderno da Universidade de Brasília

José Airton Costa Junior

APOIO

M A
MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA B



REALIZAÇÃO

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal



Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa



Agradecimentos

Agradecimentos, tenho muitos a fazer e, por certo, não caberão nos limites desse texto. Especialmente à Elane Ribeiro Peixoto, sou muito grato por tantos anos de refinadas orientações e amizade.

Sou grato ao Programa de Pós- Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, lugar de descobertas, onde desenvolvo o doutorado.

Sou grato ao Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), cujos recursos possibilitaram a execução da pesquisa, a catalogação de mobiliário, a impressão desse livro/catálogo, a produção da exposição, o registro e a divulgação de todos os resultados desse projeto.

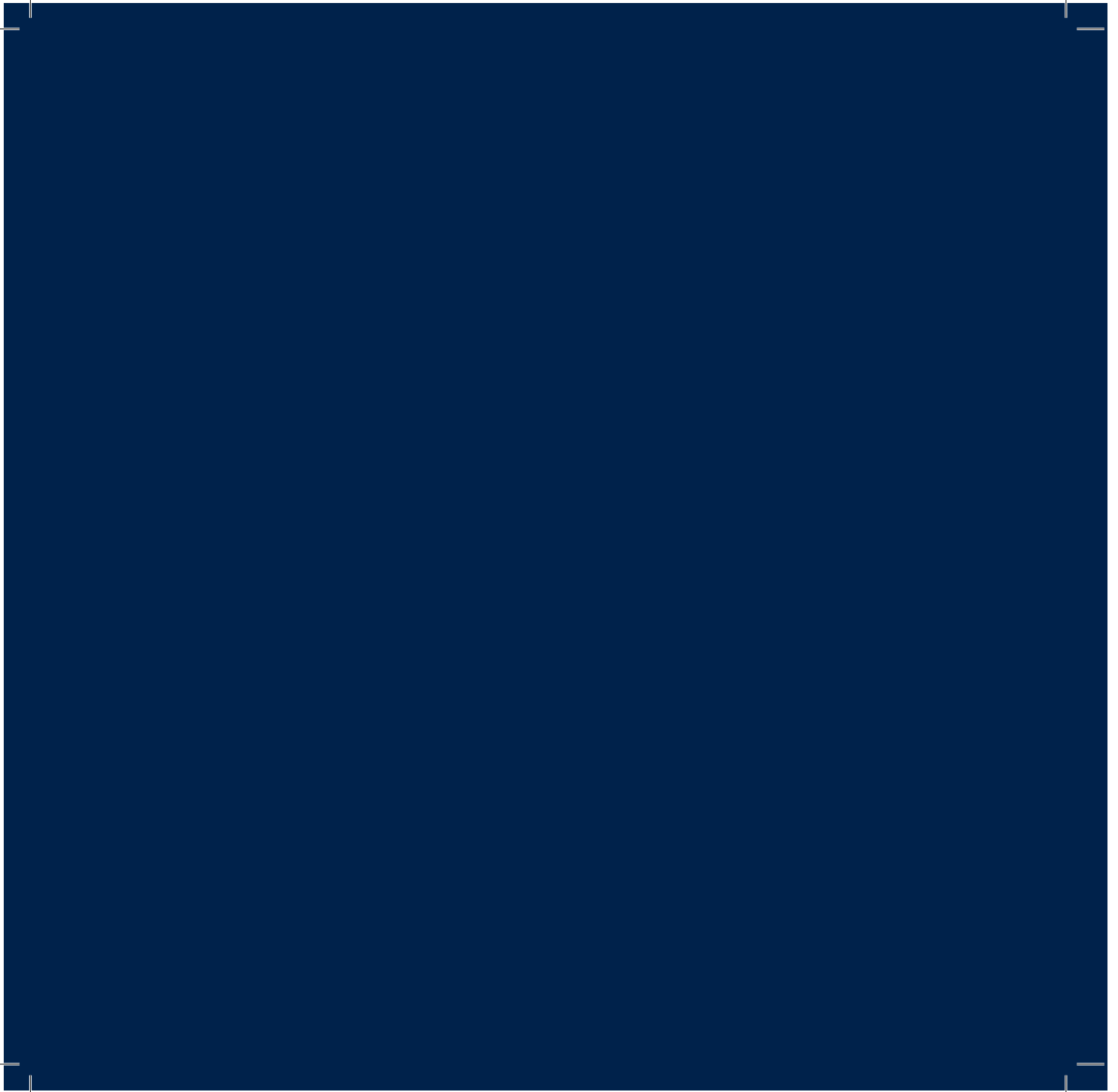
Sou grato ao Instituto Sergio Rodrigues, representado pela generosidade de Renata Aragão e Fernando Mendes, por disponibilizar seu acervo.

Sou grato ao Freddy Van Camp e à Ana Claudia Maynardes, por compartilhar suas memórias e conhecimento, mesmo antes desse projeto tomar corpo, quando trabalhávamos juntos em pesquisa no Palácio Itamaraty.

Sou grato ao Museu de Arte Moderna de Brasília (MAB), representado por Marcelo Gonczarowska Jorge e Fred Hudson, por acolher tão bem nossa exposição do projeto.

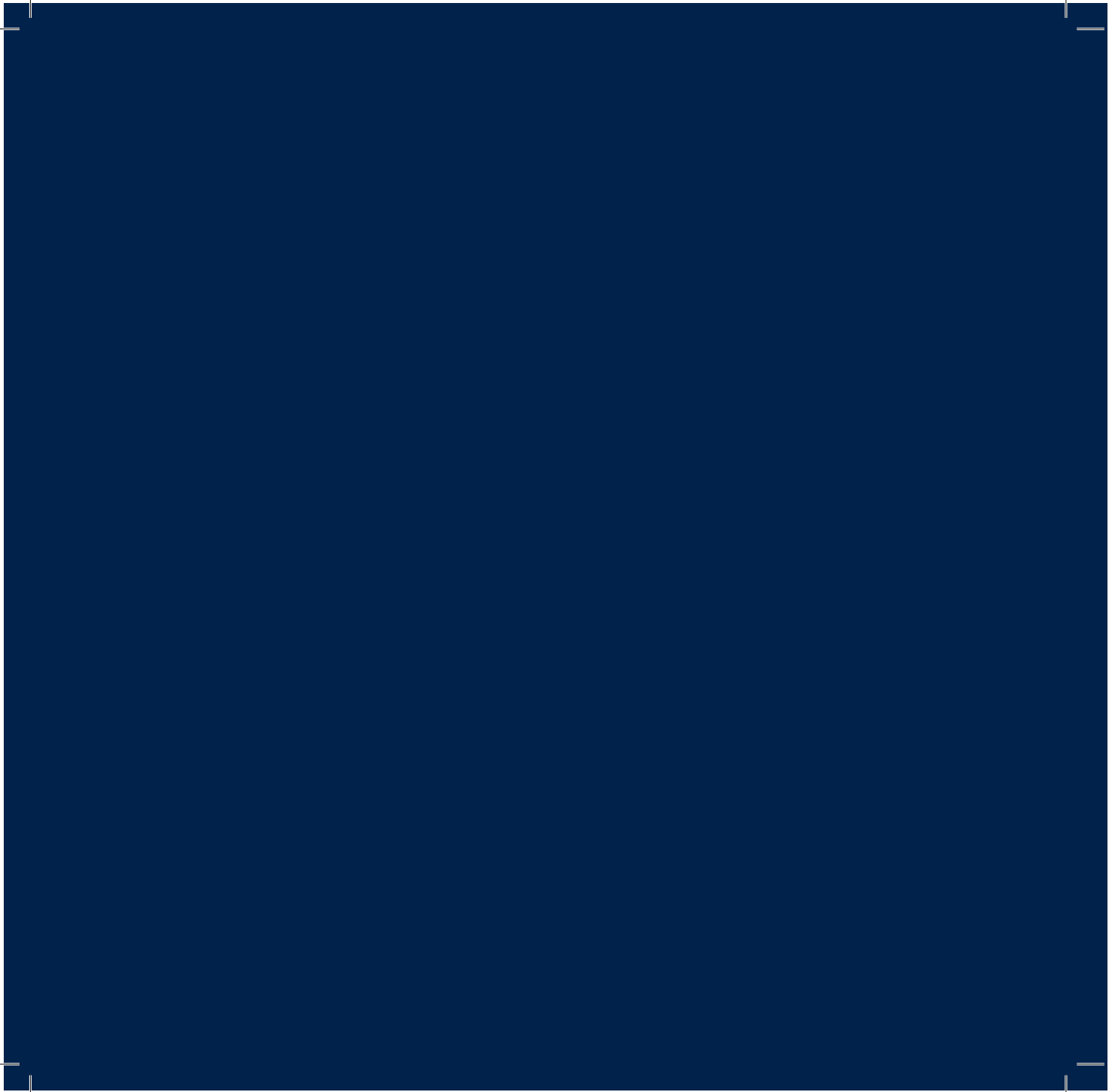
Sou grato a todos os parceiros institucionais e pessoas integrantes da ficha técnica aqui apresentada. Sem o apoio e comprometimento desses, tal resultado não seria possível.

Enfim, em um país em que a preservação da memória, do patrimônio histórico e artístico andam tão em risco, sou grato a todos os que têm seus propósitos voltados para a pesquisa, educação e valorização de nossa Cultura material e imaterial brasileira.



Sumário

Apresentação	9
Mesas e cadeiras - objetos de memórias Elane Ribeiro Peixoto	11
Sergio, arquiteto-designer Fernando Mendes	14
A OCA e Brasília Freddy Van Camp	16
O móvel moderno na Nova Capital	21
Sergio Rodrigues	27
Uma Universidade para a Nova Capital	49
“Você não sabe o quê que é Brasília. Brasília se faz tudo na hora”. Sergio Rodrigues e os móveis da UnB	55
Catálogo	75
Referências	94
Exposição	96



Apresentação

A presente publicação é o resultado da pesquisa *Mobiliário Moderno da UnB como Patrimônio: o legado de Sergio Rodrigues*.

A pesquisa tem como objetivo a identificação dos móveis projetados pelo arquiteto e designer Sergio Rodrigues, entre as décadas de 1960 e 1970.

As peças catalogadas fazem parte do mobiliário do campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília - UnB.

O projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal e contou com o importante apoio do Instituto Sergio Rodrigues e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília - FAU - UnB.





Mesas e cadeiras - objetos de memórias

Elane Ribeiro Peixoto

Arquiteta e Urbanista,
Professora doutora da Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo - FAU/UnB

Não nos espantamos diante do fato de Brasília, no final de 1987, ter sido reconhecida pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade. Brasilienses de nascimento ou por adoção, ouvimos com frequência as justificativas para que a nova capital federal fosse assim considerada. Plano urbano, edifícios monumentais de Oscar Niemeyer, a presença de artistas com obras integradas à arquitetura e aos espaços públicos, jardins de Burle Marx... tudo contribuindo para tornar a cidade um documento importante das artes do século XX, não só entre nós brasileiros.

O tombamento de Brasília foi precedido por estudos importantes: o Grupo de Trabalho GT - Brasília, atuante entre 1981 e 1985, ofereceu uma visão abrangente para a proteção da capital, abarcando um arco de proteção territorial para além dos limites do plano de Lucio Costa e, assim, incluindo Planaltina e Brazlândia como precedências importantes para a memória da cidade. Essa abrangência, entretanto, não vingou na definição final da

Brasília.

Vista a partir da Rodoviária do Plano Piloto.
Foto: José Airton Costa Junior.

área de proteção da cidade determinada por decreto (Decreto 10.829/87) pelo então governador do Distrito Federal, José Fernando Aparecido de Oliveira, em 1987. O decreto legitimou a Lei Santiago Dantas de 1960, que propunha o tombamento do Plano Piloto de Costa, sem, contudo, definir o perímetro a ser protegido, uma vacuidade resolvida a partir das diretrizes de proteção formuladas por Ítalo Campofiorito em diálogo com Lúcio Costa. Estrategicamente, Campofiorito propôs delimitar a área a ser protegida a partir de quatro escalas identificadas no plano de Costa para Brasília: a monumental, a habitacional, a gregária e a bucólica. Mas como entender essas escalas na proteção da cidade? Para quem não conhece Brasília, o que chamamos de **escala monumental** é o eixo Leste-Oeste da cidade, onde foram construídos os edifícios cívicos. Lembremos que Costa escrevia, na memória de seu projeto, que a cidade nascia com o desenho de dois eixos que se cruzavam no centro em ângulo reto, um orientado no sentido Leste-Oeste e outro no sentido Norte-Sul. Ao longo desse último, distribuíam-se as superquadras e as unidades de vizinhança que definiam a **escala habitacional** da nova capital. As superquadras contariam com onze edifícios habitacionais de seis pavimentos sobre pilotis - os chamados blocos; o conjunto formado por quatro superquadras constituiria uma unidade de vizinhança provida de clube, comércio local, escolas e jardim de infância para tornar o dia a dia mais fácil. O perímetro das superquadras seria arborizado, de forma a proteger as moradias com renques de árvores. O encontro dos dois eixos (*Decumanus e Cardo*) seria o coração da cidade e marcaria **sua escala gregária**, o lugar de encontro dos brasilienses. Nele, estariam localizados a rodoviária, os centros de diversão, o teatro, além dos hotéis e bancos. E a **escala bucólica**? Ela se definia pela incorporação do cerrado do Planalto Central à cidade, constituindo-se por seus parques, as margens do Lago Paranoá, e seus clubes que contribuíam para definir a paisagem da cidade-parque.

Ao identificar as quatro escalas presentes em Brasília, argumentava-se que a intenção era propor uma proteção para a capital que guardasse as particularidades de cada uma delas e a relação dessas entre si, sem, contudo, impedir a dinâmica da cidade e sua transformação ao longo do tempo para responder às demandas de seus habitantes.

Tudo o que foi apresentado acima é um resumo breve de muitas discussões e de muitos trabalhos desenvolvidos por acadêmicos que, com competência e folego, estudaram o tombamento de Brasília, suas particularidades e a inscrição da cidade na UNESCO, como Patrimônio Cultural da Humanidade. Contudo, nos parece que a capital federal ainda guarda tesouros inexplorados, pois a proteção à Brasília se dá naquilo que é mais evidente e àquilo que atribuímos valores excepcionais - o desenho urbano, os edifícios-monumentos e as obras de arte incluídas nos inventários e livros da história do modernismo brasileiro. Há algum tempo, pesquisadores têm colaborado para o desenvolvimento de outras arqueologias da moderna capital, lançando luz sobre bens pouco valorizados ou sombreados pelos discursos triunfantes, os quais encobrem o complexo processo histórico de sua criação e, até mesmo, de sua condição de metrópole contemporânea. No preenchimento dessas lacunas, são muito bem-vindos trabalhos como o de José Airton Costa Junior, que com paciência infinita, tenacidade e determinação de pesquisador, foi capaz de identificar e catalogar uma parte valiosa do mobiliário da Universidade de Brasília. Mesas e cadeiras - enfim, objetos considerados desimportantes, alguns esquecidos em depósitos cheios de poeira, contam como os construtores de Brasília inventaram seus cotidianos.

Sergio, arquiteto-*designer*

Fernando Mendes

Presidente do Instituto Sergio Rodrigues

“Quando comecei percebi que havia uma grande defasagem entre a arquitetura brasileira, que emergia no cenário internacional, e os interiores dessa arquitetura que eram ambientados com mobiliário europeu, principalmente da Bauhaus. Essa história começou a mudar com a construção de Brasília.” Essa era a explicação de Sergio Rodrigues sempre que falava sobre sua relação com a cidade.

Em 1952, Sergio Rodrigues formou-se arquiteto. No ano de 1957, criou a Poltrona Mole, sua peça mais famosa, que lhe conferiu notoriedade no Brasil e no exterior. Nesse mesmo ano, iniciava-se a construção de Brasília. Sergio foi convidado a projetar mobiliário para palácios e gabinetes ministeriais, como também para a universidade, auditório, cinema e teatro da nova capital. A célebre poltrona, cuja criação foi marcada pela descontração e excessivo conforto, inspirou seu criador a enfrentar novos e ousados desafios: projetar mobiliário para espaços institucionais com exigências formais e estruturais bem diferentes do móvel que o notabilizou.

A maestria de Sergio se dá pela profunda compreensão do ser humano, de suas atividades, necessidades e exigências, pela percepção do espaço arquitetônico, “o lado de dentro da arquitetura”, como costumava dizer. Seu mobiliário é impregnado de personalidade e de significado, apresenta soluções adequadas para o uso proposto e, ao mesmo tempo, são peças belas, confortáveis e originais – além de atender a tudo que é necessário, acrescentar à cultura brasileira a sua composição.

“Arquitetura é meu sangue” dizia ele, e ela, a Arquitetura, era o desafio principal, a atividade matriz de sua criação. Talvez, exatamente por isso, sua obra enquanto designer tenha alcançado tamanha envergadura.



Sergio Rodrigues.
Foto: Luciana Whitaker.

A OCA e Brasília

Freddy Van Camp

Designer, professor e

Conselheiro do ISR Instituto Sergio Rodrigues

A relação entre Sergio Rodrigues, a OCA e Brasília foi profícua e longa. Iniciou-se à época da construção da cidade, quando o mobiliário para o Catetinho foi escolhido, passando por inúmeros prédios e interiores, nos quais “exigia-se” a utilização exclusiva de mobiliário de autoria do Sergio, até os anos 90. A equipe de arquitetos da nova capital identificava-se com os projetos e com os produtos de Sergio e não viam uma alternativa na hora de mobiliar os novos ambientes criados. Podemos, inclusive, dizer que os pedidos de Brasília, nos anos 60, incentivaram o processo de crescimento da OCA, empresa emblemática fundada por Sergio.

É o caso da UnB com Darcy Ribeiro, o reitor à época, como descrito nesse magnífico trabalho de José Airton Costa Junior. A poltrona Dois Candangos, sem dúvida, inspirou a poltrona de auditório PA-1, de grande sucesso posterior. Não podemos esquecer o caso dos Palácios da Alvorada e do Planalto, por exemplo, que até hoje possuem inúmeros exemplares de mobiliário da OCA em uso e em perfeito estado. Na época de sua fundação e nos anos seguintes, a OCA mobiliou muitos Ministérios e Autarquias, virando uma autêntica tradição o uso de seu mobiliário nesses espaços. Sergio era convidado a criar peças próprias e muitas vezes inéditas, para atender a este ou aquele projeto. Foi assim no Itamaraty, onde suas peças mobiliaram os principais gabinetes e salas do Palácio dos Arcos, que então passou a ser a verdadeira sala de visitas e recepções da República.

Todo o mobiliário dos anos 60 era caracterizado pelo uso de madeiras nobres, como o Jacarandá, e por revestimentos de alto padrão, como o couro natural. Infelizmente, isso contribuiu para esgotar as reservas brasileiras daquela madeira, mas, por outro lado, equipou esses

ambientes com peças quase indestrutíveis. A qualidade era representada não só pelo material, mas principalmente pelo design característico da época, com dimensões generosas e com largo uso de madeiras nobres. Nos dias de hoje, essas peças têm sido redescobertas e muitas, ao passar por restauro, foram revalorizadas.

Mesmo depois do Sergio ter saído da OCA, essa tradição se manteve. Posso afirmar isso com certeza, pois tive o privilégio de colaborar com a empresa após sua saída. Fui contratado pelos novos donos, em meados dos anos 70, para ser o designer, sucedendo a esse grande mestre. Era um momento em que a empresa não mais mantinha relações com Sergio. Ser o sucessor de Sergio era uma tarefa assustadora já que eu conhecia sua obra pregressa. Felizmente conseguimos contornar as adversidades ao reafirmar a importância de seu legado, ainda que ele não estivesse mais presente na OCA. Após algum tempo, pudemos reestabelecer o contato com Sergio, o que facilitou minha atividade na empresa, mas, antes de tudo, criou-se uma amizade, da qual me orgulho em ter estabelecido.

Desde as modificações que fiz na KILIN, para exportação, passando pela coordenação na Linha TUPAN, até o projeto do estofado BINGEN, todos tiveram sua aprovação e consultoria. Esse último, por minha insistência, foi um projeto contratado diretamente com ele e que tive o prazer fazer o protótipo.


Outro momento importante foi a parceria para a concorrência de criação das poltronas do Teatro Nacional. O projeto ganhador foi o do Sergio. Eu fui o responsável pela prototipagem, e a inspeção de montagem foi feita juntamente com ele. Foram anos de colaboração e de crescente amizade.

O mercado de Brasília era importante para qualquer empresa e a OCA tinha a prerrogativa de já ter fornecido móveis largamente, o que fez com que ela continuasse a prover mobiliário para lá, mesmo na época pós-Sergio. Muitos modelos da coleção OCA Clássica, como a chamávamos à época, complementavam instalações e necessitaram de adaptações para atender a situações específicas. Era minha tarefa, em paralelo aos meus modelos, fazer e coordenar essas modificações. Lembro de uma cadeira CANTU especial com encosto altíssimo, que produzimos para uma sala de reuniões do Ministério do Planejamento. Mostrei as fotos, com a cadeira modificada, à Sergio e ele me declarou gentilmente que eu tinha feito melhor do que ele.

Acho que um resultado de nosso bom relacionamento foi ele ter executado produtos, que batizou com os nomes dos novos donos da “sua” Oca e que estão mencionados em seu livro: as poltronas Osmar e Giulite. Mais uma pequena demonstração de que ele conseguia se sentir ainda fazendo parte de seu legado na OCA. Para mim, essas atitudes são uma mostra do grande coração que habitava no peito do nosso maior designer brasileiro.

O presente estudo, mais uma vez valoriza seu trabalho e sua história,

Viva Sergio Rodrigues!!!



A maior contribuição de Sergio para o Design e a Arquitetura se deu nos argumentos projetuais que utilizava durante o processo de criação e configuração de suas peças. Sua linguagem assinala códigos visuais característicos: de um lado, o seu próprio repertório, como autor-pessoa; de outro, a referência à materialidade mais simbólica da cultura popular e tradicional brasileira, como autor-criador. É assim que manipula a matéria-prima - o couro, a madeira e a palhinha - e as características da cultura que lhe servem de inspiração - a rede, o sentar relaxado, a grossura e a robustez dos elementos.

Ana Cláudia Maynardes

Designer Industrial e professora Departamento de Design da
Universidade de Brasília



O móvel moderno na Nova Capital



O móvel moderno na Nova Capital

Nos interiores dos edifícios públicos de Brasília, existem, ainda hoje, peças de designers internacionais pioneiros do desenho de móveis modernos. Foi no final da década de 1950 e início da década de 1960 que os vazios dos palácios e instituições públicas foram equipados com o que havia de melhor no mercado de móveis no Brasil à época. Por isso, esses espaços são compostos por peças desenhadas por arquitetos e designers brasileiros e estrangeiros.

Móveis do próprio Oscar Niemeyer, Anna Maria Niemeyer, Joaquim Tenreiro, Jorge Zalszupin, Bernardo Figueiredo e Sergio Rodrigues juntam-se às peças clássicas de Mies van der Rohe, Charles e Ray Eames, Le Corbusier e Eero Saarinen para formarem ambientes sóbrios, dentro do padrão de modernidade desejado por Niemeyer.

Embora muitos desses interiores mantenham-se preservados até então, em alguns casos o mobiliário original não existe mais.

Durante a construção de Brasília, o arquiteto Oscar Niemeyer, acompanhado de Darcy Ribeiro e Alcides da Rocha Miranda, convidou alguns arquitetos e designers brasileiros para equiparem os prédios públicos da nova capital. Exigia-se que os móveis integrassem a ambiência dos novíssimos espaços

**Brasília Palace Hotel.
Oscar Niemeyer, 1958.**

Vista das Poltronas Bowl, de Lina Bo Bardi,
e Poltronas Womb, de Eero Saarinen.
Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal.

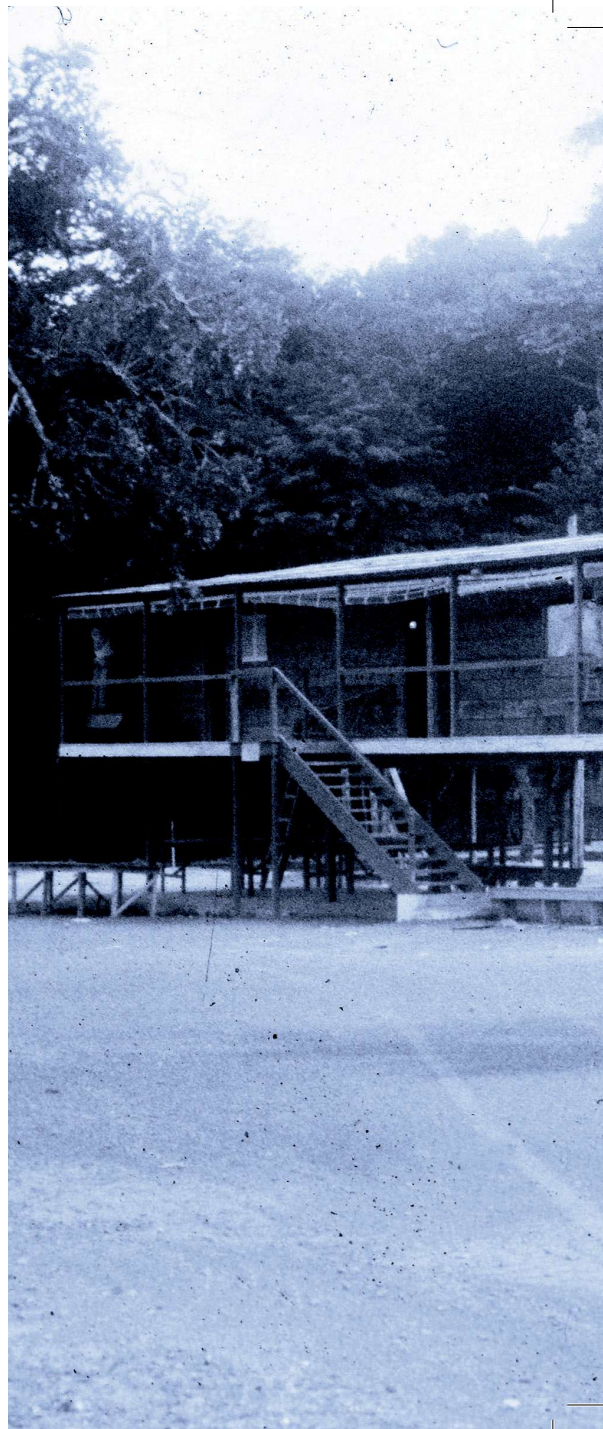
brancos e vazios da então emergente arquitetura moderna brasileira. Portanto, não poderiam ser móveis com características clássicas, rebuscados e cheios de ornamentos.

Construído em 1956 como residência provisória do presidente da República Juscelino Kubitschek, o Catetinho, então conhecido como Palácio de Tábuas, foi equipado em 1957 com móveis do próprio Sergio e de Joaquim Tenreiro. Começava assim, pelo Catetinho, a trajetória de Rodrigues e de seus móveis modernos em Brasília.

A paixão de Sergio Rodrigues pelas madeiras brasileiras se expressa tanto em seus móveis quanto em suas casas pré-fabricadas. Sua vinda para Brasília na década de 1960 será descrita a seguir, salientando-se, especialmente, a sua contribuição para a Universidade de Brasília (UnB).

Catetinho.

Foto: Arquivo Público do DF.







Sergio Rodrigues

Em sua infância, Sergio Roberto Santos Rodrigues era um menino criativo que sonhava em ser aviador ou piloto de carros de corrida. Nasceu em 1927, no Rio de Janeiro, cresceu em um ambiente familiar que contava com a presença de artistas, intelectuais, jornalistas e escritores. Filho de Roberto Rodrigues e Elsa Fernanda Mendes de Almeida Santos, era sobrinho de Nelson Rodrigues, um dos mais aclamados escritores e dramaturgos do país.

Já adulto, o arquiteto e designer Sergio Rodrigues ficou conhecido como um dos “renovadores do *design* brasileiro”. Formou-se em 1951 pela Faculdade de Arquitetura do Rio de Janeiro, na época ainda ligada à Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Sua obra é conhecida, principalmente, por três tipos de produção: a arquitetura, por intermédio de seus projetos com sistema de construção de casas pré-fabricadas em madeira; o design de mobiliário, por sua dedicação aos ambientes internos; e desenhos, por meio de suas ilustrações.

Em 1955, montou a loja OCA para comercializar sua produção de móveis. A loja tinha aspecto de galeria de arte, na qual realizavam-se mostras e lançamentos. Nessa “loja-galeria” eram vendidos também móveis de sua autoria, além de outros selecionados das principais lojas de São Paulo.

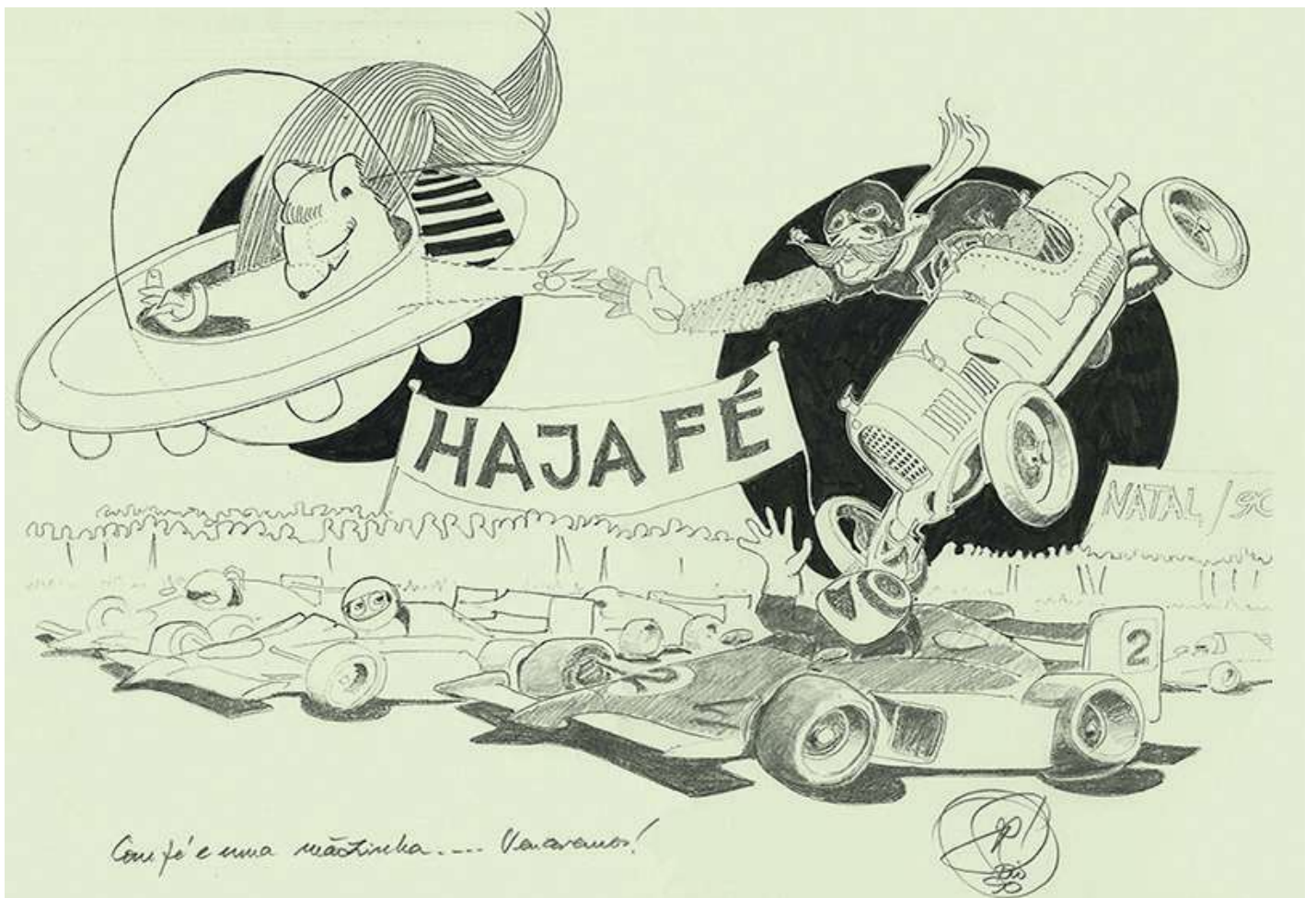
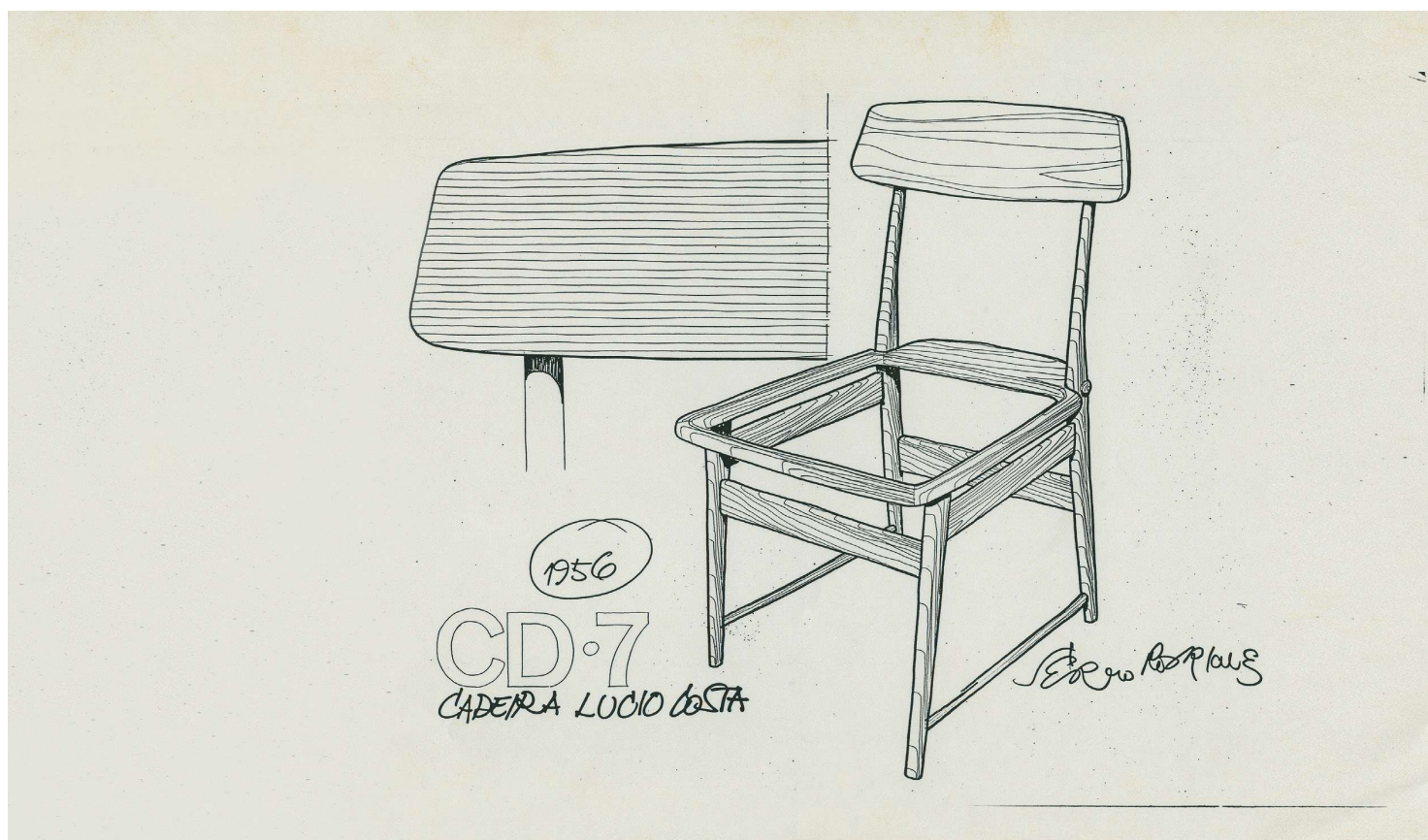


Ilustração de Sergio Rodrigues.
Foto: Instituto Sergio Rodrigues.

Em termos de mobiliário, a obra de Rodrigues apresenta características peculiares. O uso conjunto de madeira, couro, palha natural (palhinha) e metal, em particular o aço cromado, em confronto com formas orgânicas, situa seus móveis dentro dos princípios estéticos que nortearam a produção do período dos anos 1950. Aliada a isso, a busca por um caráter de regionalidade, distinção maior de sua pesquisa, torna a produção de Rodrigues uma referência internacional do móvel moderno produzido no Brasil. São móveis que apresentam recortes, aberturas e encaixes, em uma sequência lúdica entre seus componentes e articulações, como se seu criador estivesse brincando de montar e desmontar um brinquedo.

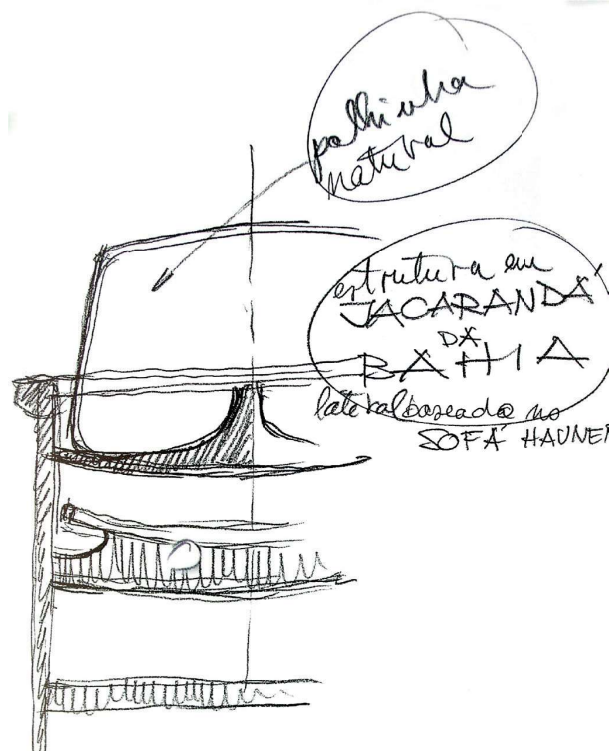
Em 1956, criou a cadeira CD-7, atualmente denominada “Lucio Costa”, uma homenagem ao primeiro crítico de Rodrigues a reconhecer seu potencial. Trata-se de uma cadeira de formas simples, estruturada originalmente em jacarandá maciço, com assento e encosto em trançado de palha natural.





Cadeira Lucio Costa, 1956.
Foto: Instituto Sergio Rodrigues.

Outro modelo detentor das mesmas características é a Poltrona Leve Jockey, atualmente referida pelo nome “Oscar” em homenagem a Niemeyer. Também criada em 1956, suas primeiras séries foram propostas para equipar os interiores do Jockey Clube do Rio de Janeiro. Nessa poltrona, há um desenho no encosto que remete às famosas colunas dos Palácios do Planalto e da Alvorada.



Poltrona Oscar (ilustração), 1956.

Foto: Instituto Sergio Rodrigues.



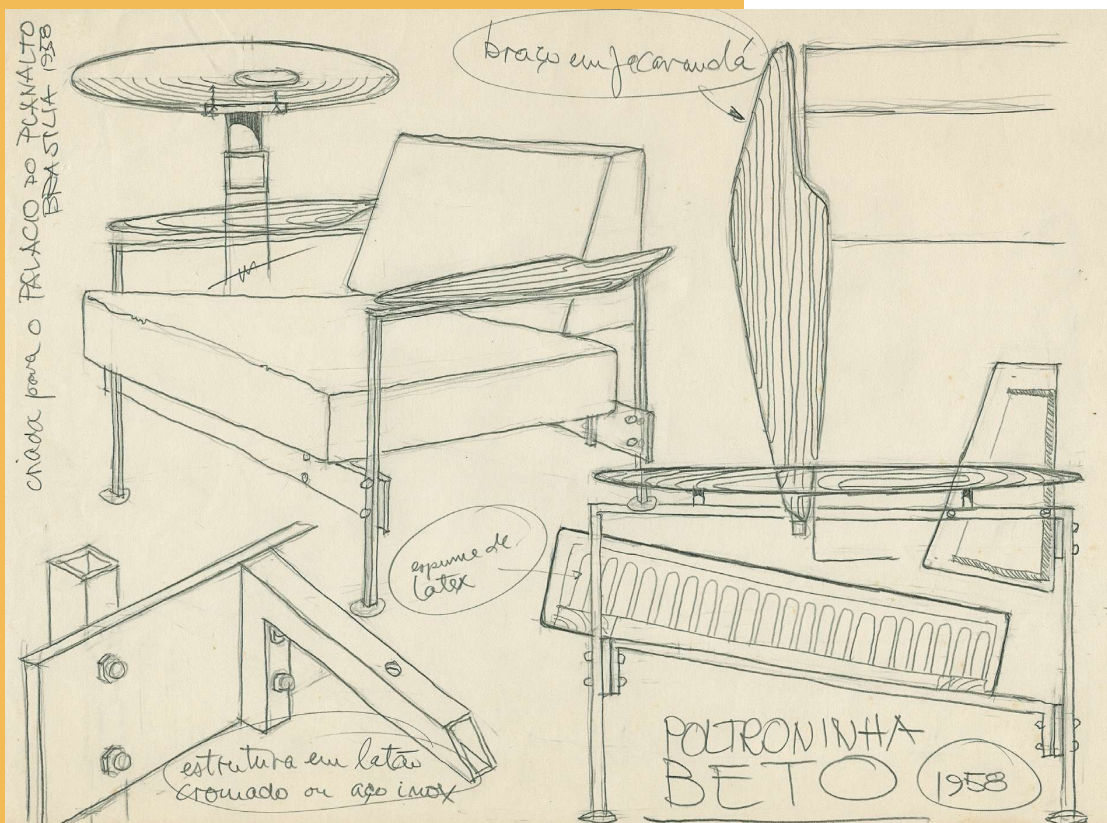
Poltrona Oscar.
Foto: Instituto Sergio Rodrigues.

Rodrigues também utilizou o metal, principalmente o aço cromado, combinado à madeira, ao couro e às fibras naturais. Desde a década de 1920, o aço cromado era considerado o material autêntico da modernização, pois seu uso começava a ser muito empregado, principalmente em móveis desenhados na Europa. Os móveis projetados e exibidos por Charlotte Perriand no *Salon d'Autonme* de 1927, em Paris, causaram grande repercussão ao se basearem nesse material como principal elemento estrutural. Logo em seguida, a linha criada por Perriand, Le Corbusier e Pierre Jeanneret difundiu ainda mais a aplicação do aço em mobiliário pelo mundo.

O desenho de Sergio Rodrigues para a Poltrona Leve Beto, criada em 1958 para o Salão de Espera do Palácio do Planalto, em Brasília, é exemplo dessa aplicação “moderna” do aço no mobiliário. Trata-se de uma poltrona com assento e encosto estofados em couro ou veludo, com braços em madeira de lei, estruturada em latão ou aço inox.

criada para o PALACIO DO PLANALTO
BRASILIA 1958





Poltrona Leve Beto (ilustrações), 1958.
Foto: Instituto Sergio Rodrigues.

Em suas narrativas, Rodrigues enfatizava que suas fontes de inspiração eram baseadas na cultura brasileira. Assim como fez Lina Bo Bardi em suas pesquisas, ele utilizava aspectos da cultura popular para solucionar os problemas formais e construtivos. Como Lina, ele inspirava-se, por exemplo, na trava do carro-de-boi, para prender as partes estruturais dos móveis, e na rede de dormir, para suspender e sustentar os assentos de algumas de suas poltronas, como é o caso da poltrona Kilin.



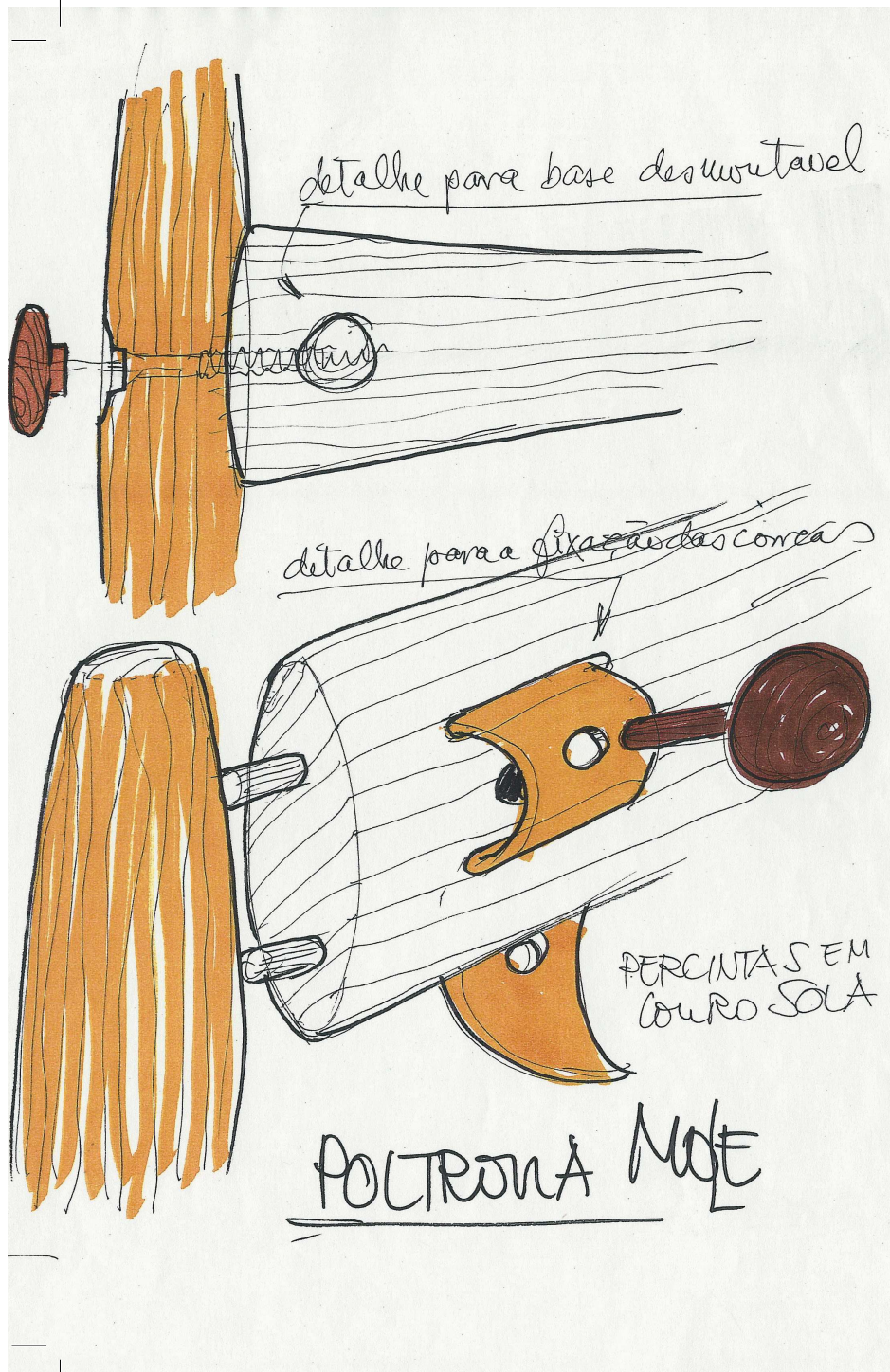
Cadeira Kilin, 1973.
Foto: Instituto Sergio Rodrigues.

Embora ainda existam referências às formas leves e delicadas em suas primeiras peças, foi a robustez de algumas de suas criações que acabou por tornar sua obra reconhecida internacionalmente, como representativa de brasilidade. Em 1961, obteve o primeiro prêmio no *Concorso Internazionale del Mobile*, em Cantu, Itália, com a Poltrona Mole, o que lhe conferiu reconhecimento fora do país.

A partir do convite feito em 1957 por Oscar Niemeyer para mobiliar o Palácio do Catetinho, Sergio Rodrigues mobiliou o Ministério das Relações Exteriores e, mais à frente, o Teatro Nacional Claudio Santoro, o Cine Brasília e o Brasília Palace Hotel.

A experiência de Sergio Rodrigues na UnB é de extrema importância e é descrita a seguir. Inicia-se com o desafio de atender ao convite, feito por Darcy Ribeiro em 1961, para desenhar os móveis do campus, ainda em fase de construção. A partir de sua experiência em mobiliar os primeiros edifícios de Brasília, entre eles os da UnB, Rodrigues precisou redimensionar a escala e acelerar o ritmo de sua produção.





Poltrona Mole, 1957.
Desenhos de Sergio Rodrigues.
Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.





Brasília Palace Hotel.

Vista das poltronas Stella, de Sergio Rodrigues.
Stella foi a primeira poltrona estofada produzida em
1956 pela Taba, fábrica de móveis de Sergio.
Fonte: Cedoc / UnB.





Palácio Itamaraty.
Terraço.
Bancos Eleh, de Sergio Rodrigues, 1965.
Foto: José Airton Costa Junior.





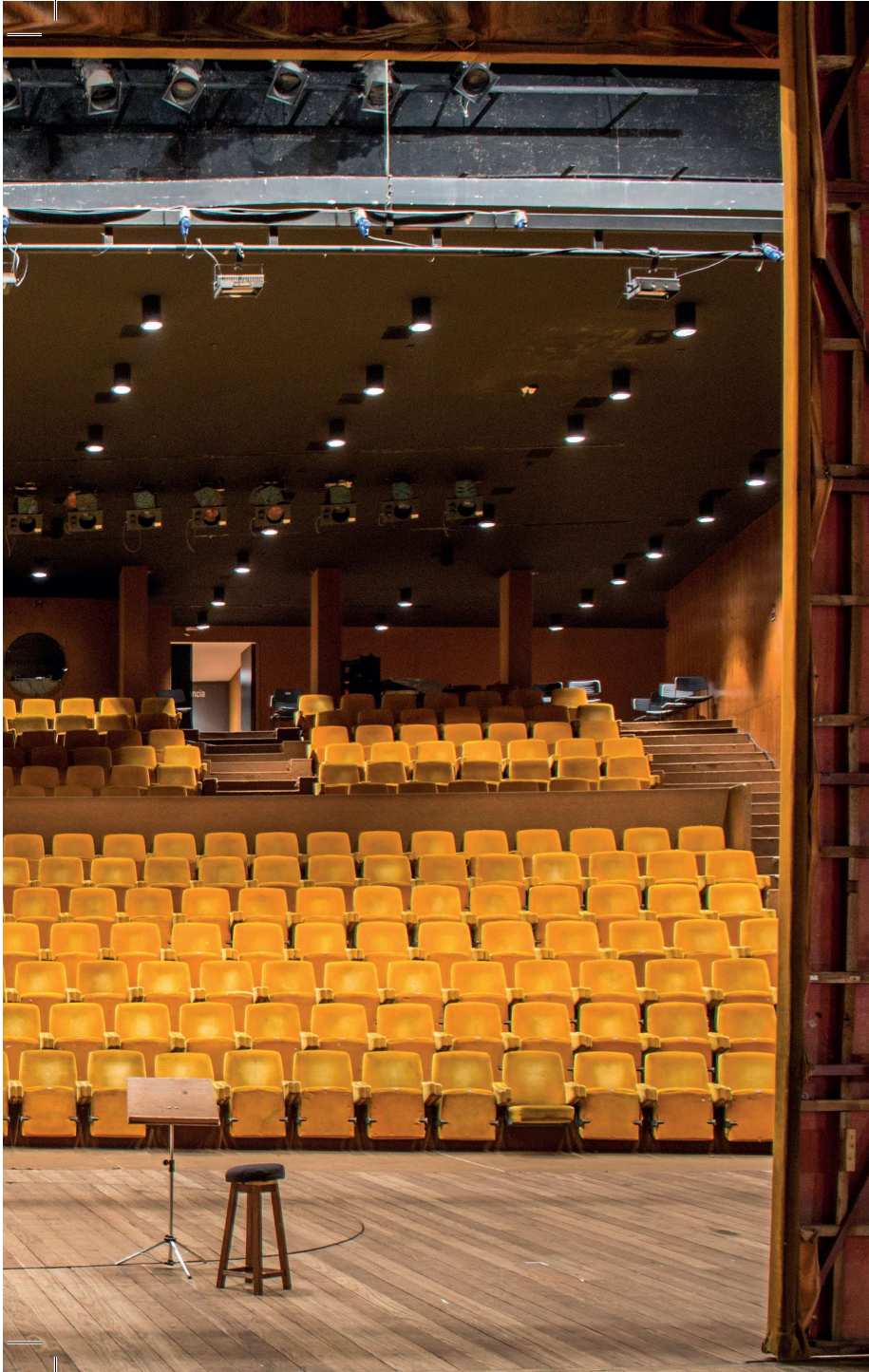
Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Sala Villa-Lobos com poltronas de Sergio Rodrigues. Inaugurada em 1981, é a principal sala do Teatro e a única sala de ópera e ballet da cidade.

Sua capacidade é de 1.407 lugares, sua área possui um palco de 450 m², com 17m de abertura e 25m de profundidade.

Foto: José Airton Costa Junior.





Teatro Nacional Cláudio Santoro.

Sala Martins Pena com poltronas
de Sergio Rodrigues.
Inaugurada em 1966,
possui capacidade de 407 lugares,
palco de 235m²,
com 12m de abertura e
15m de profundidade.
Foto: José Airton Costa Junior.



Uma Universidade para a Nova Capital

A Universidade de Brasília (UnB) foi inaugurada em 21 de abril de 1962, dois anos, portanto, após a inauguração da nova capital do país. Seguindo o ritmo acelerado da construção da cidade, também foi necessário que a implementação da universidade acontecesse rapidamente, mas não sem que antes enfrentasse dificuldades e oposições. O projeto do Plano Piloto de Lucio Costa já previa uma extensa área de terra para a localização da universidade. No entanto, garantir a sua construção não foi uma tarefa fácil e exigiu grandes esforços de seus idealizadores.

O maior obstáculo, colocado por autoridades da época, era o argumento de que a área destinada à universidade estava localizada nas proximidades da Esplanada dos Ministérios. Por isso, muitas foram as tentativas que visavam assegurar que sua construção acontecesse o mais afastado possível do centro do poder. Apesar disso, a vontade do obstinado antropólogo Darcy Ribeiro foi maior do que as oposições e, juntamente com o educador Anísio Teixeira e a cooperação de intelectuais e artistas a UnB, surgia como o “projeto mais ambicioso da intelectualidade brasileira”. Contudo, o então presidente da República João Goulart só sancionou a Lei nº 3.998 em 15 de dezembro de 1961, autorizando a criação da universidade.





**Inauguração do Auditório
Dois Candangos.**

21 de abril de 1962.
Fonte: Cedoc/UnB.

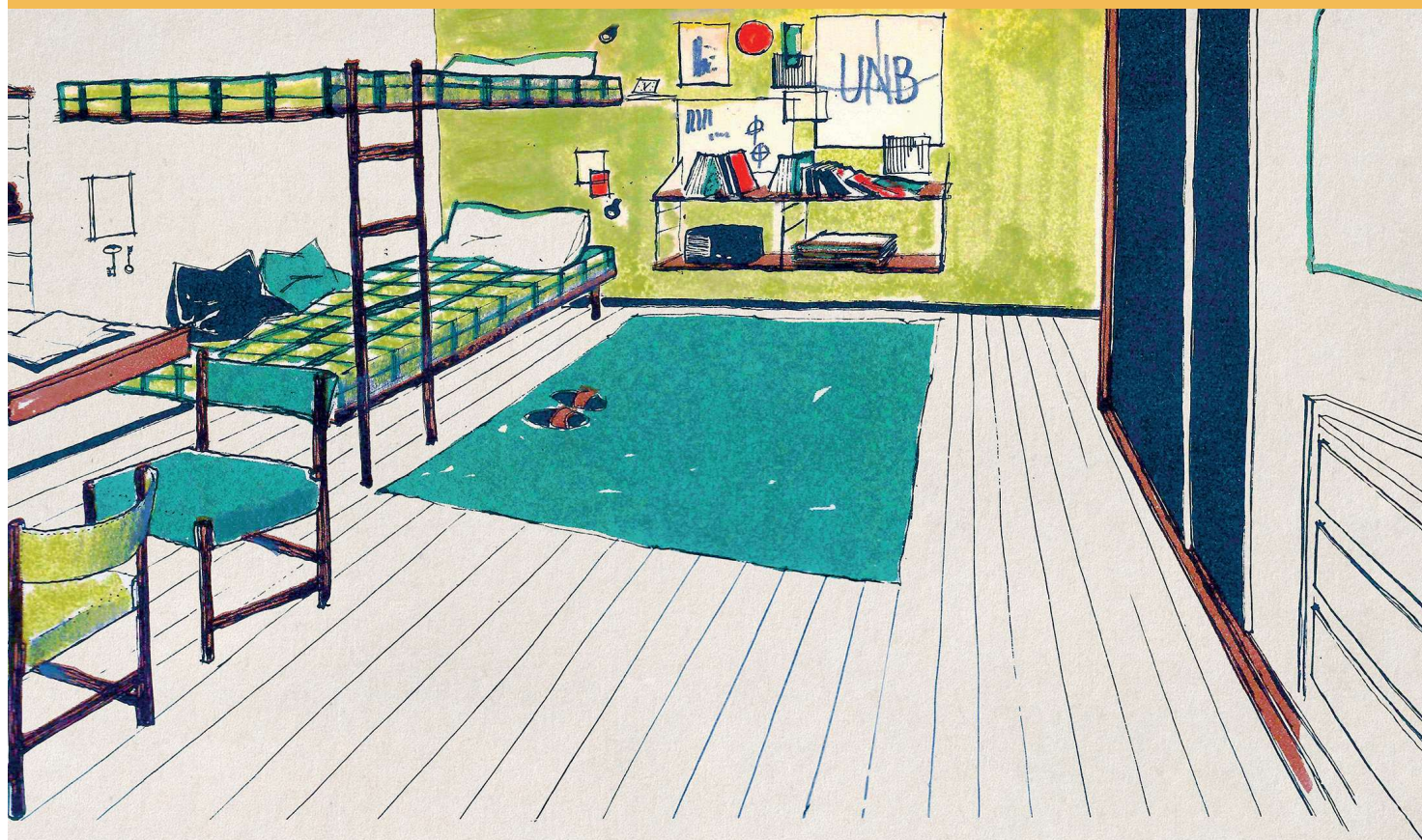
Darcy Ribeiro definiu as bases da instituição. O modelo pedagógico ficou a cargo de Anísio Teixeira e os primeiros edifícios do novo campus foram projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

A demora em autorizar a construção fez com que a universidade fosse inaugurada com uma estrutura física ainda provisória. Poucos edifícios estavam prontos e o campus, em pleno dia da inauguração, ainda se assemelhava a um grande canteiro de obras - cenário comum à cidade nova que se implantava no cerrado.

Para conceber a universidade, definindo suas regras e sua estrutura, criou-se, em 1962, o Plano Orientador da Universidade de Brasília. O plano foi a primeira publicação da Editora da UnB e nele são exibidos alguns desenhos de Sergio Rodrigues para os alojamentos dos professores no campus.

Diante desse cenário, é possível começar a descrever a relevante contribuição de Sergio Rodrigues para a história do mobiliário moderno brasileiro e para a história da Universidade de Brasília.



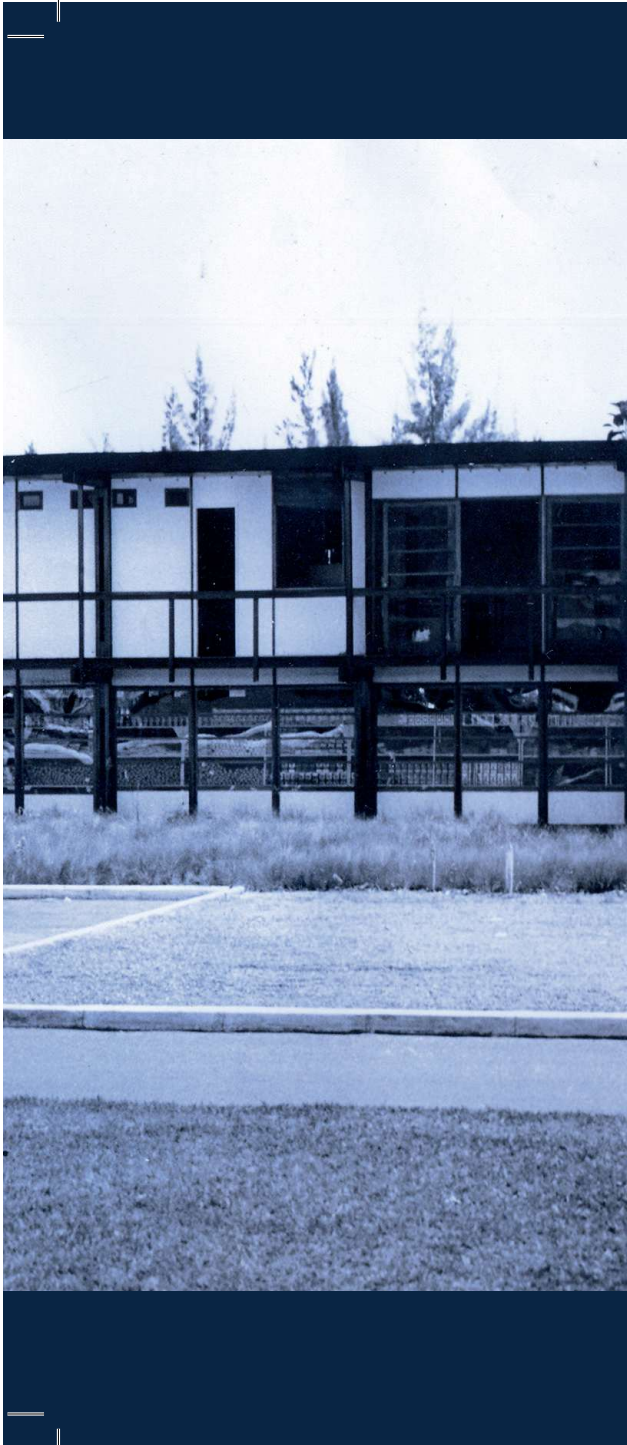


**Alojamento de Professores
Campus Darcy Ribeiro.**
Desenhos de Sergio Rodrigues.
Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.



**“Você não sabe o que é Brasília.
Brasília se faz tudo na hora”.**
Sergio Rodrigues e os móveis da UnB





A atuação de Sergio Rodrigues com o sistema de casas pré-fabricadas foi a referência que possibilitou seu primeiro contato com a Universidade de Brasília. Em 1961, Darcy Ribeiro, depois de visitar uma exposição no MAM-RJ em que Rodrigues expunha seus projetos de casas, o convidou para construir os pavilhões OCA I e OCA II. Esses edifícios eram os alojamentos provisórios para professores e funcionários da UnB, sendo também edificações pioneiras no campus. A partir de então, baseado em sistema de pré-fabricação, Rodrigues executou outras obras, como o Minas Iate Clube de Brasília e casas em Goiânia.

Sua experiência na UnB continuou com a incumbência, dada por Darcy Ribeiro, para mobiliar o auditório da universidade. O projeto de arquitetura desse auditório, intitulado Auditório Dois Candangos, nomeado em homenagem a dois operários mortos em acidente por soterramento durante as obras, é de autoria de Alcides da Rocha Miranda e integra o conjunto de três prédios da Faculdade de Educação, os primeiros a ficarem prontos no campus.

Auditório Dois Candangos.

Prédios dos pavilhões OCA I e OCA II de Sergio Rodrigues.
UnB, data provável: 1962.
Fonte: Cedoc / UnB.





O relato de Sergio sobre a criação da poltrona Candango para esse auditório, onde foi realizada a cerimônia de inauguração da instituição, enfatiza o espírito criativo e obstinado presente nos primeiros anos da universidade:

“O Darcy era uma figura engraçada. Me pegou assim pelo braço e disse: vamos ver o local onde você vai fazer. Aí chegamos num lugar todo descampado e ele me disse: “Vai ser aqui”. Eu falei: “Aqui como? Vocês estão querendo isso imediatamente. Não tem teto, não tem parede, não tem coisa nenhuma”.

Não tinham feito nada ainda. Então ele disse assim: “Você não sabe o quê que é Brasília. Brasília se faz tudo na hora”.

Eu pensei: “Tudo bem! Eu não sou responsável por isso (a construção do auditório), sou responsável pela encomenda que me fizeram”.

Foi então que Darcy disse: “Eu te dou uma passagem de avião pra São Paulo, você chega lá e vai na fábrica (imaginando que eu fosse executar) e vê o que tem que fazer”.

Eu falei pra ele: “Pode deixar, eu vou lá ver o que eu posso fazer, ainda porque a Oca não tem condições de fazer 250 cadeiras para o prazo que você está querendo. Eu vou lá em São Paulo naquelas firmas de móveis de escritório. Eles devem fazer”.

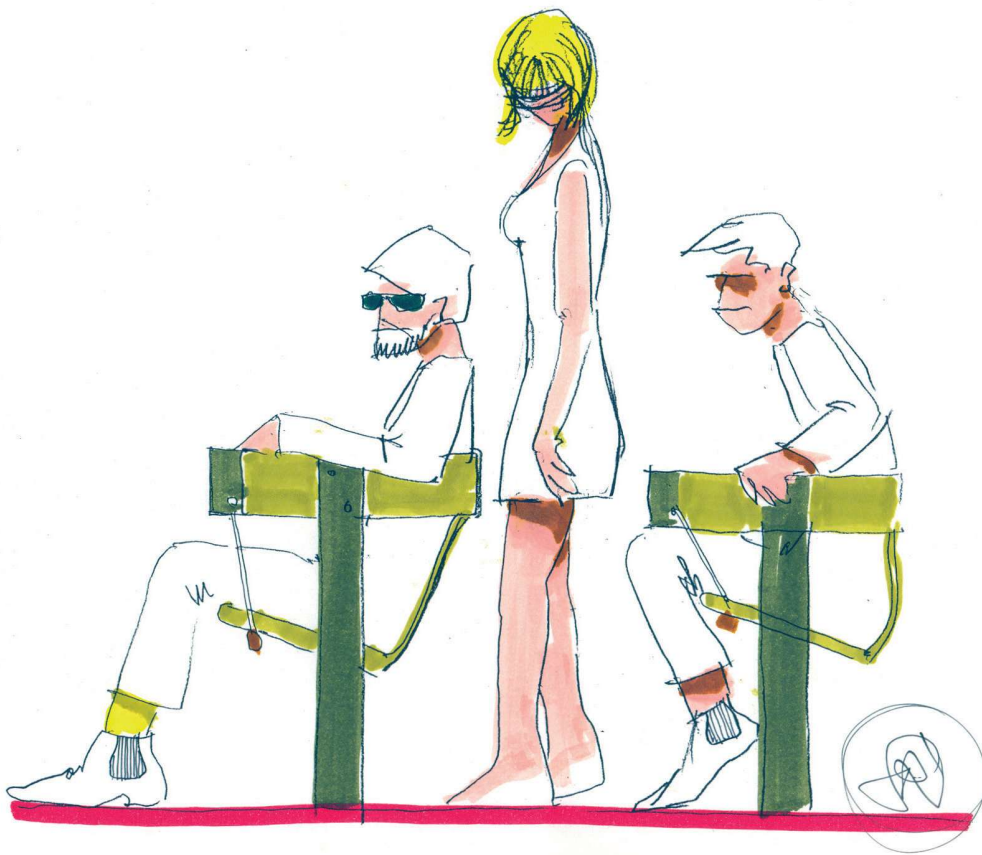
“Não, mas eu não quero coisas que fazem por aí, senão eu comprava. Eu quero uma coisa que você faça.”

Aí eu caí na maluquice de fazer”.*

*Trecho de uma entrevista concedida por Sergio Rodrigues ao autor, em 2013.

A universidade em construção.

Vista, em segundo plano, dos pavilhões Oca I e Oca II,
UnB, data provável: 1962.
Fonte: Cedoc / UnB.



Poltrona Candango.
Ilustração de Sergio Rodrigues.
Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.

Durante a viagem de avião, de volta para São Paulo, Sergio Rodrigues rascunhou um croqui para a cadeira do auditório e segundo ele: “[...] não é para contar no sentido de charme, não, é uma coisa verdadeira. Eu fiz o desenho na cadeira do avião, naquele papel, daquela bolsinha de vomitar”.*

Toda a produção das peças foi feita em São Paulo, inclusive o couro do assento, e depois foi enviada para Brasília.

A montagem das cadeiras do Auditório Dois Candangos era lembrada por Sergio Rodrigues como um momento marcante em sua carreira. Emocionava-se quando falava sobre o assunto. Cada cadeira era formada por duas bases metálicas fixadas no piso de concreto. Em uma estrutura de chapa de aço, em forma de ferradura, afixavam-se os encostos e os assentos em couro natural, esses últimos suspensos por raios (hastes metálicas) de motocicleta. A fixação no piso foi realizada pelos estudantes de engenharia, mas toda a montagem das peças de sustentação e do couro teria de ser feita com muito cuidado e rapidez, tarefa que somente uma grande quantidade de pessoas experientes em montagem poderia cumprir.

*Trecho de uma entrevista concedida por Sergio Rodrigues ao autor, em 2013.

No entanto, essa fase final de montagem coincidiu com um feriado de Semana Santa e com a inauguração da UnB, marcada para o sábado, 21 de abril. Na quarta-feira que antecedia o feriado, toda a universidade encontrava-se vazia. A solução encontrada foi apelar para os estudantes, professores e funcionários que, mesmo de folga, aceitaram ajudar. Essa passagem foi confirmada pelo próprio Sergio Rodrigues:

“Darcy disse: olha, você se vira, agora se vira”. Eu fiquei um pouco preocupado, tentando saber qual seria o tipo mais fácil de suicídio para resolver logo o problema.

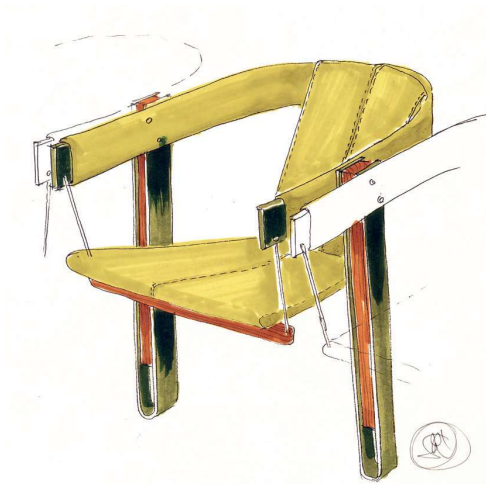
Aí me veio uma ideia. Já que é feriado, vamos passar com um ônibus ou caminhão, escrevemos em umas faixas de tecido que estavam sobrando “A UnB precisa de você”, penduramos e aquilo ficou uma coisa.

Cada vez que eu ia contar esse caso nas palestras que eu fazia em diversas universidades, eu ficava emocionado, chorava que chegava a pingar. Eu dizia “você não me desculpar, mas isso foi uma dessas coisas que me emocionaram na vida, de perceber o que é o espírito de universidade. Uma coisa seríssima”.

O pessoal todo se apaixonou por essa história e ficou a noite inteira lá trabalhando e colocando as peças de couro. Então, na sexta-feira, estavam as peças principais colocadas.

Não reclamaram nada e ficavam vibrando: “Olha, acabei aqui e tal...” Aquela bagunça toda que estudante faz quando tem uma coisa desse tipo. Foi uma coisa realmente emocionante”.*

*Trecho de uma entrevista concedida por Sergio Rodrigues ao autor, em 2013.



Poltrona Candango.
Ilustrações de Sergio Rodrigues.
Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.





De fato, a montagem das cadeiras seguiu a organização de uma “linha de montagem industrial”. Sergio Rodrigues conta que havia espalhado no palco do auditório todas as peças separadas por ordem de montagem. Enquanto uma equipe se encarregava de envolver o couro na madeira do encosto, outra cuidava de fixar as peças dos raios de motocicleta. Nesse ritmo, todas as cadeiras estavam prontas até as nove horas da manhã de sábado, exceto a última a ser colocada, pois o couro rasgou durante a colocação. Sergio costumava contar que ficou de pé no lugar vazio dessa última cadeira para disfarçar a falta dela.

Auditório Dois Candangos.

Montagem das poltronas Candango, abril de 1962.
Fonte: Cedoc / UnB.

Outro desafio a ser enfrentado de última hora foi a necessidade de esconder, ou disfarçar, a estrutura do telhado inacabado e aparente, pois o forro ainda não tinha sido instalado. A solução foi uma improvisação, na véspera do evento, com a colocação de tecidos pendurados nas paredes e no teto. Uma grande quantidade de rolos de tecido foi comprada em lojas da W3, uma rua de comércio da cidade, para esse fim. As faixas de tecido eram presas por peças de madeira nas paredes, ainda com tijolos aparentes, e foram dispostas em diferentes alturas. Nesse contexto de improviso e entusiasmo, Sergio Rodrigues comentava: “Arquiteto é pra fazer tudo”, mencionando o fato de ter resolvido, de última hora, um problema não previsto.*

*Trecho de uma entrevista concedida por Sergio Rodrigues ao autor, em 2013.

Auditório Dois Candangos.

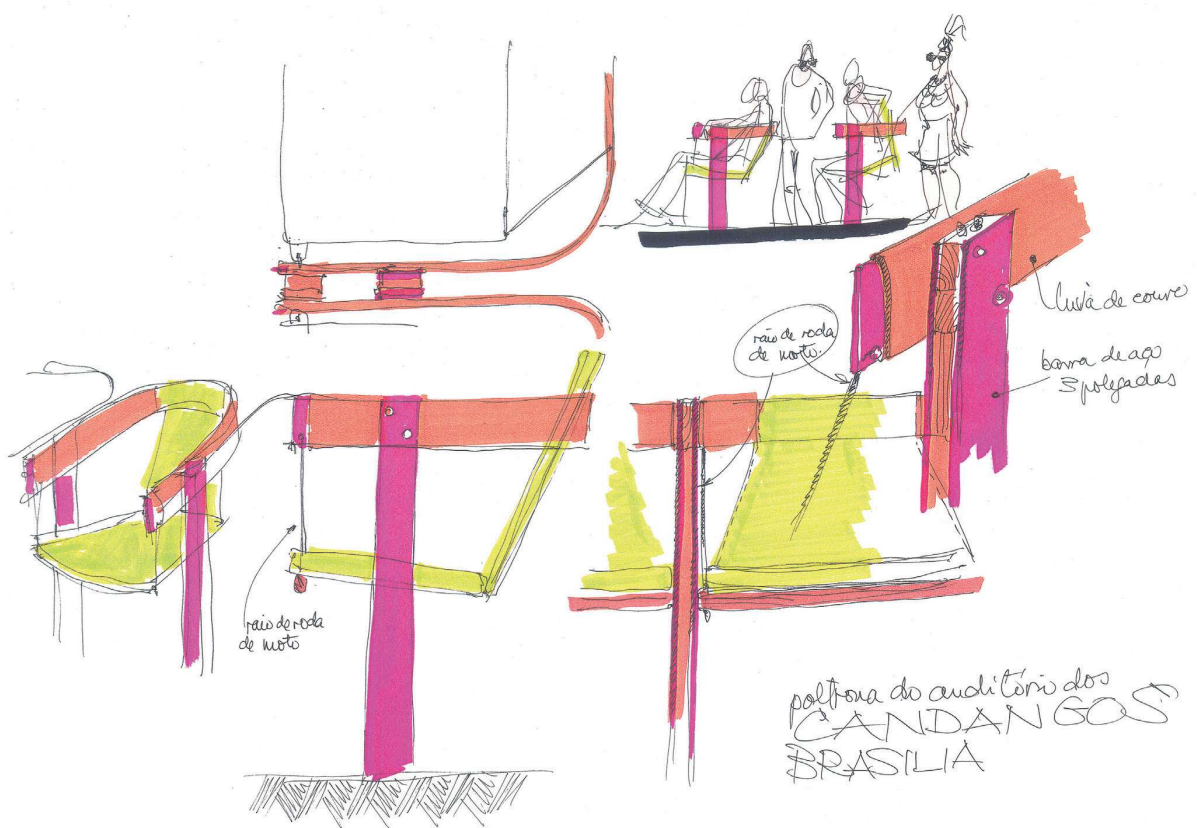
Cerimônia de inauguração, 21 de abril de 1962.
Fonte: Cedoc / UnB.





A partir do desenho feito no papel do saquinho de vômito, apoiado na bandeja do avião, até o dia do evento em que ficou de pé, escondendo o lugar vazio da última poltrona que não ficara pronta a tempo, Sergio Rodrigues teve 15 dias corridos para elaborar e executar a incumbência que lhe foi atribuída por Darcy Ribeiro. O arquiteto lembra que nesse curto espaço de tempo havia, ainda, os feriados da Semana Santa. Com a ajuda de alunos, professores e funcionários, 249 cadeiras e a mesa principal estavam colocadas bem a tempo da inauguração da universidade pelo então presidente João Goulart.

O tempo e o desgaste decorrente do uso intenso em cerimônias e conferências fizeram com que as poltronas Candango fossem substituídas pelas poltronas atuais. Embora apareçam em vários registros e fotografias da década de 1980, não foi possível determinar a procedência ou a data exata em que tais poltronas substituíram as primeiras desenhadas por Sergio Rodrigues.

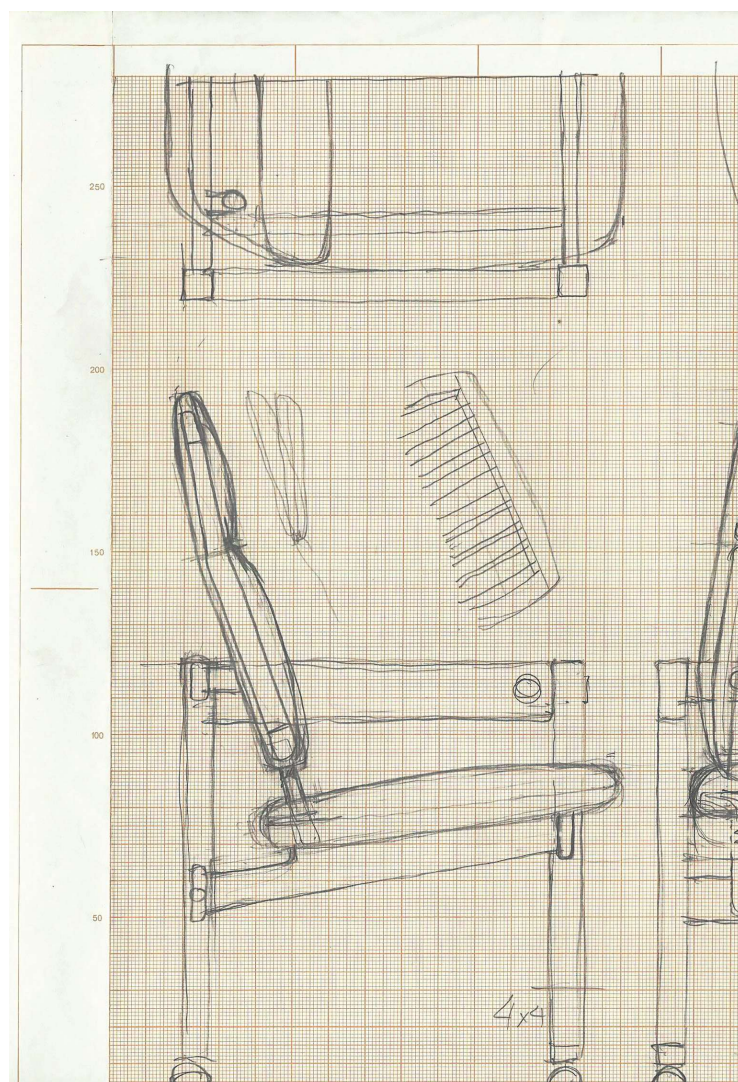


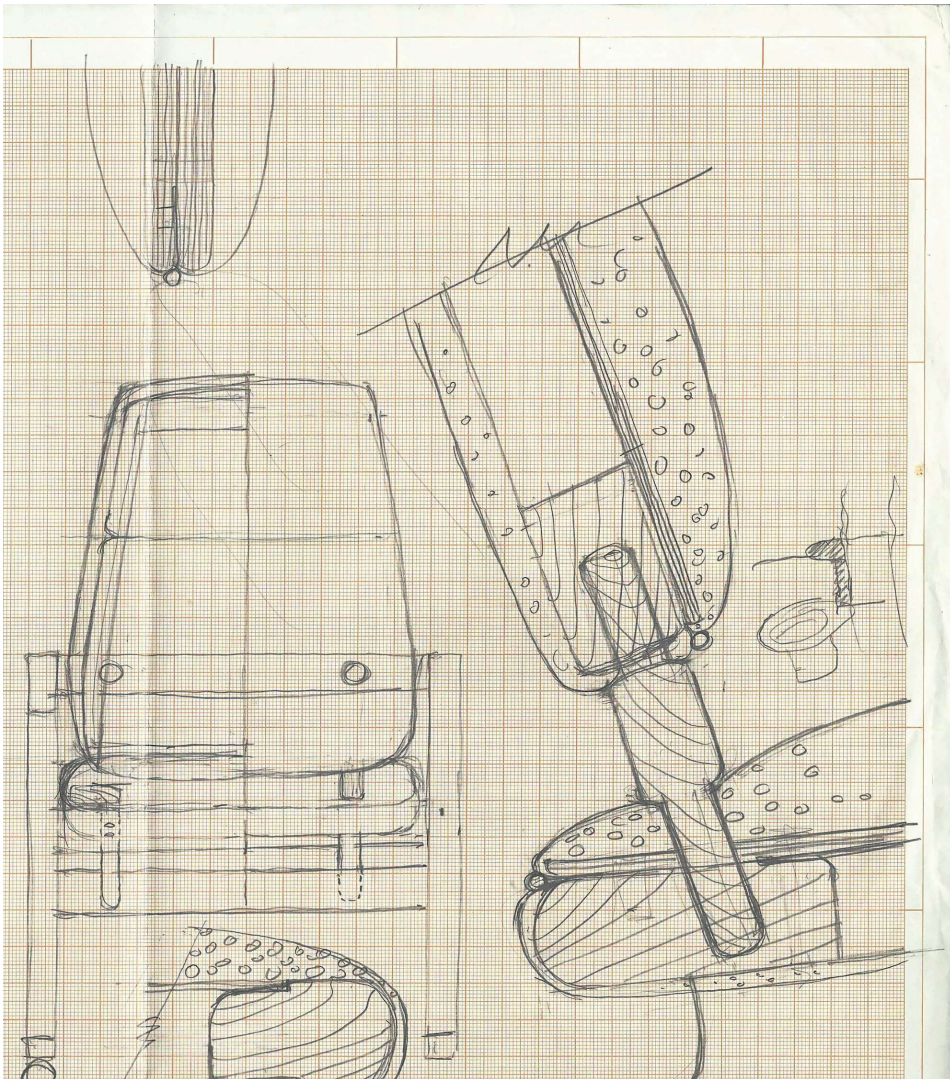
Poltrona Candango.
 Ilustrações de Sergio Rodrigues.
 Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.

No Auditório Dois Candangos, a única peça de mobiliário remanescente da época de sua inauguração é a grande mesa em jacarandá, outra criação de Sergio Rodrigues. Com quatro metros de comprimento, ela tem a frente em couro preto com detalhes em capitonê.

Alguns exemplares de mobiliário de Rodrigues foram adquiridos tempos depois da inauguração e encontram-se no prédio da Reitoria da UnB. A Loja Oca forneceu para a Universidade de Brasília as poltronas de nome Kiko, em dois tipos: uma de espaldar baixo e outra de espaldar alto. Atualmente, existem 36 poltronas do primeiro tipo e apenas dois do segundo no Salão dos Atos da Reitoria.

As poltronas Kiko foram criadas em 1964 para equipar o Palácio Itamaraty em Brasília e foram produzidas em série pela Taba, nome dado à marcenaria da Loja Oca. Originalmente, foram desenhadas em madeira de lei maciça, jacarandá e assento em couro natural. No entanto, as unidades que ainda hoje existem na Reitoria receberam estofamento em tecido como substituição ao couro.





Poltrona Kiko.
Ilustração de Sergio Rodrigues.
Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.

Particularmente, as poltronas Candango têm grande importância quando se aborda a história do mobiliário moderno brasileiro, porque foi a partir delas que o arquiteto em questão mudou a maneira de produzir seus móveis. Antes, esses eram baseados em uma produção artesanal e, por isso, muito demorada. Com a nova demanda, a execução dos móveis teve que partir para uma produção em série e em quantidades maiores.

Sergio Rodrigues declarou que desenhou, além da poltrona Candango, cerca de 40 móveis para a UnB, entre mesas, cadeiras, estantes e pequenos sofás.

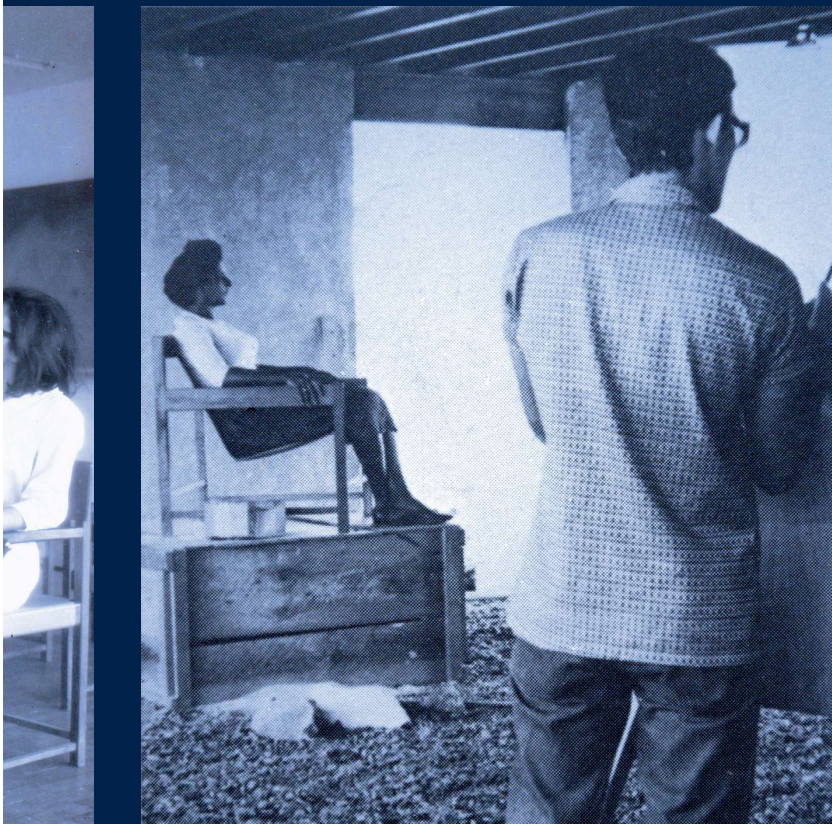
É importante lembrar que a série de móveis produzida especificamente para a Universidade de Brasília, reconhecida pelas mesmas características de materiais e formas, deu origem à linha de móveis denominada UnB. Fazem parte dessa linha a poltrona Lia (1962), a cadeira e a poltrona UnB (1962) e o sofá Darcy (1963).

Durante a pesquisa pelos interiores da universidade, nenhum exemplar desses móveis foi encontrado. No entanto, alguns registros de livros e fotos antigas de arquivos apontam para a existência desses desde as épocas em que os alunos do então ICA, Instituto Central de Artes, de 1962 a 1964, desenhavam e produziam artesanalmente seus protótipos de mobiliário.



Cadeira UnB.

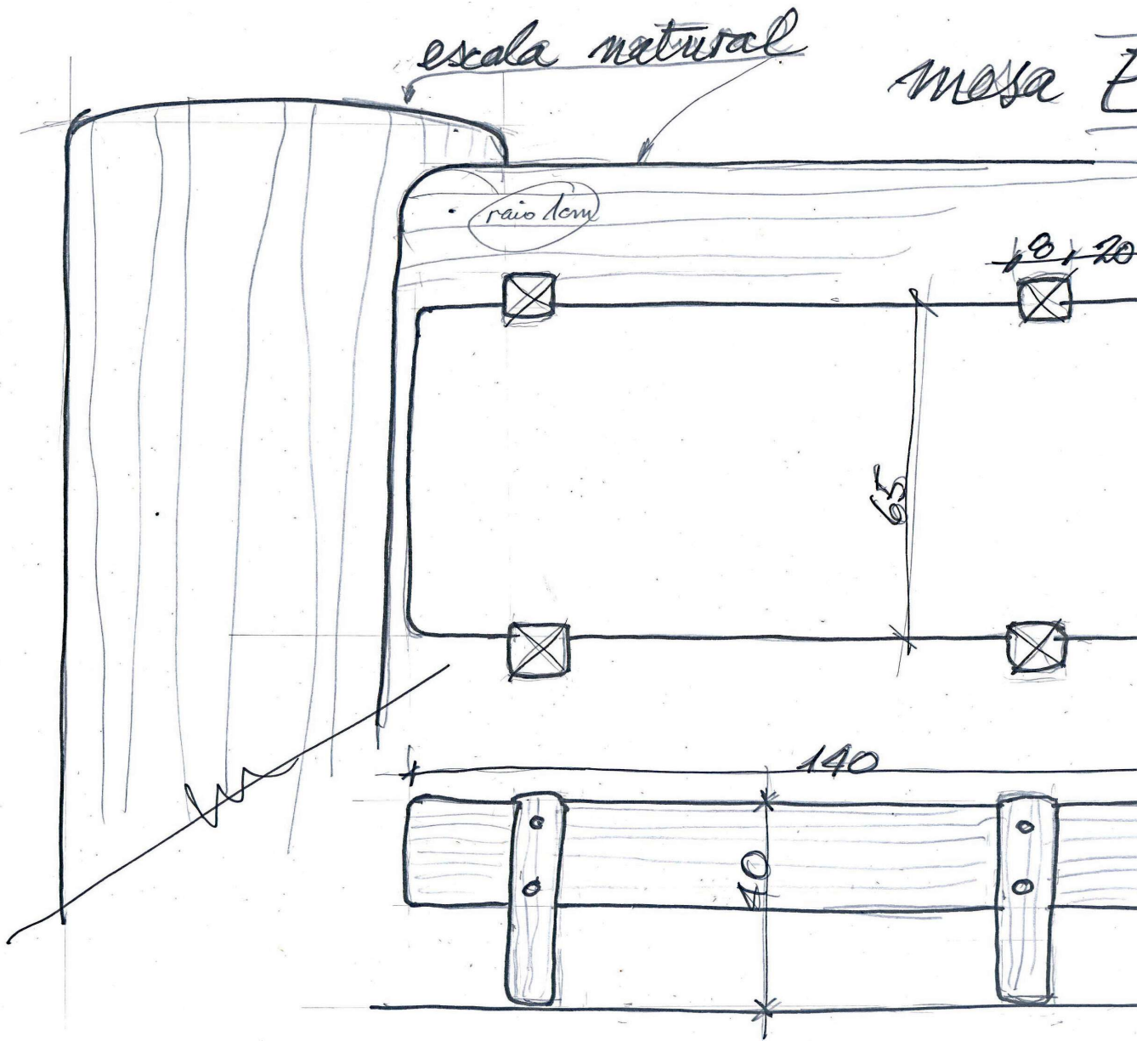
Sergio Rodrigues, 1962.
Foto: Cedoc / UnB.



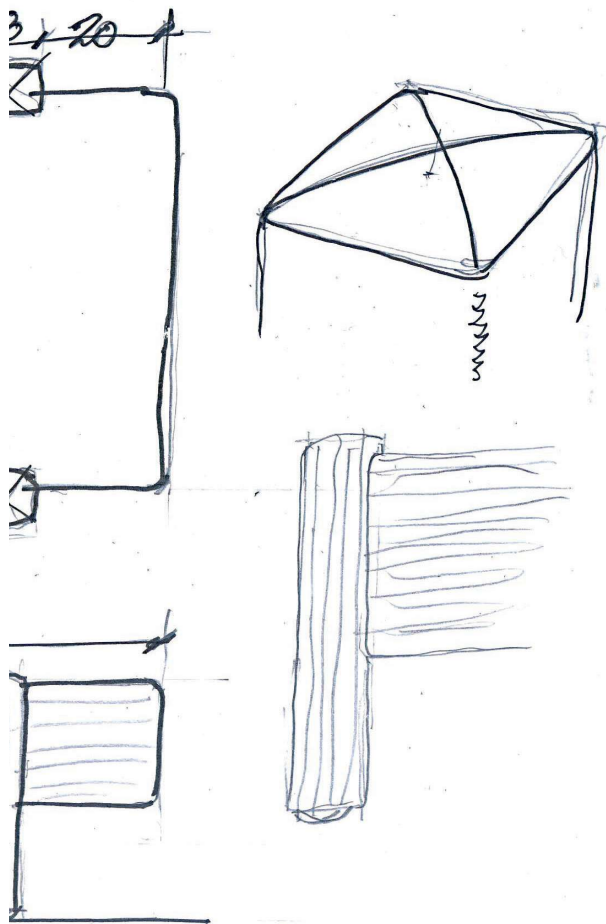
Poltrona Lia.
Sergio Rodrigues, 1962.
Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.



Catálogo



ELEH



A catalogação a seguir, resultado da pesquisa sobre os móveis projetados por Sergio Rodrigues para a Universidade de Brasília, foi dividida em duas partes. Na primeira, foram elencados os móveis ainda existentes e, na segunda parte, os móveis que não foram encontrados ou não existem mais. Nesse último caso, as referências e imagens usadas são provenientes de registros históricos em publicações de épocas passadas e do acervo do Instituto Sergio Rodrigues.

Infelizmente, alguns móveis não foram localizados. Muitos deles desapareceram por motivos diversos ou o tempo e o uso contínuo se encarregaram de destruí-los. Dada a natureza do mobiliário, que nem sempre fica exatamente no mesmo lugar em que é colocado, muitas dessas peças podem ainda existir, mas não foram localizadas nos interiores do Campus Darcy Ribeiro durante o período da pesquisa.

Mesa Eleh.
Ilustrações de Sergio Rodrigues, 1965.
Fonte: Instituto Sergio Rodrigues.

Poltrona Kiko

Poltrona produzida em série pela Taba, marcenaria da loja Oca, para o palácio Itamaraty, Brasília.
Faz parte da Linha Itamaraty.

Data de criação: 1964.

Materiais: madeira jacarandá, com rodízios cromados, assento e encosto estofados em espuma de poliuretano e revestidos em tecido de cor verde.

Local: Salão dos Atos - Reitoria da UnB.

Espaldar alto:

Dimensões em centímetros:
65 larg. x 65 prof. x 90 alt.





Poltrona Kiko.
Sergio Rodrigues, 1964.
Foto: Erika Albuquerque.

Poltrona Kiko

Poltrona de espaldar baixo produzida em série pela Taba, marcenaria da loja Oca, para o palácio Itamaraty, Brasília.
Faz parte da Linha Itamaraty.

Data de criação: 1964.

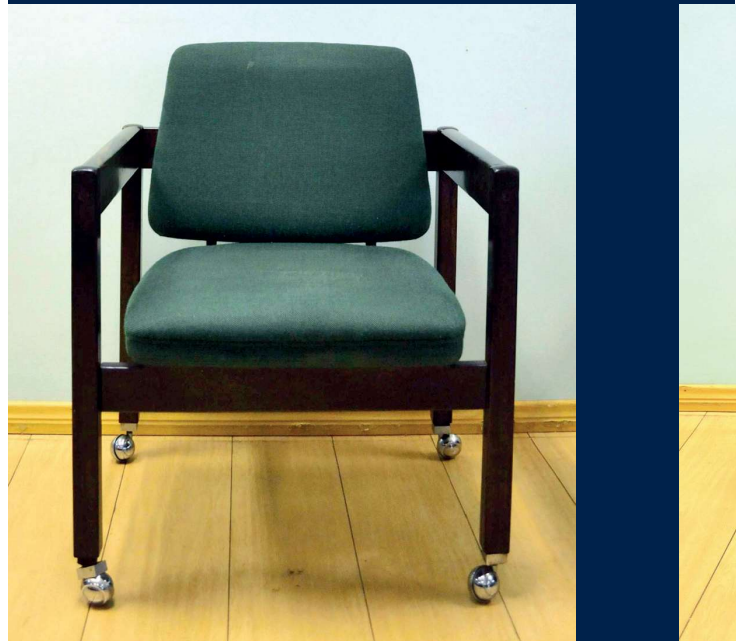
Materiais: madeira jacarandá, com rodízios cromados, assento e encosto estofados em espuma de poliuretano e revestidos em tecido de cor verde.

Local: Salão dos Atos - Reitoria da UnB

Espaldar baixo:

Dimensões em centímetros:

65 larg. x 65 prof. x 80 alt.





Poltrona Kiko.
Sergio Rodrigues, 1964.
Foto: Erika Albuquerque.

Cadeira Lucio Costa

Cadeira estruturada originalmente em jacarandá maciço, com assento e encosto em trançado de palha natural. O nome dessa cadeira é uma homenagem a Lucio Costa.

Esse único exemplar, encontrado na Prefeitura do Campus, parece ter sofrido alterações, principalmente na estrutura de madeira das pernas e do encosto.

Data de criação: 1956.

Materiais: Madeira Jacarandá e palha natural.

Local: Prefeitura do Campus Darcy Ribeiro.

Dimensões em centímetros:
45 larg. x 45 x 80 alt.





Poltrona Dois Candangos.
Sergio Rodrigues, 1962.
Foto: Erika Albuquerque.

Mesa Eleh

Único exemplar da mesa Eleh, encontrada na recepção da Faculdade de Comunicação da UnB.

Data de criação: 1965.

Materiais: Caixa retangular em madeira nobre com cantos levemente arredondados, pernas de madeira maciça, acabamento em latão cromado.

Local: Faculdade de Comunicação (ICC Norte - Recepção do subsolo).

Dimensões em centímetros:
1,20 larg. x 65 prof. x 45 alt.





Mesa Eleh.
Sergio Rodrigues, 1965.
Foto: Erika Albuquerque.

Mesa Auditório Dois Candangos

Mesa de reuniões.

Data provável de criação: 1962.

Materiais: madeira jacarandá, detalhes em couro e acabamento em latão cromado. Rodízios cromados possivelmente colocados posteriormente, devido ao peso da peça.

Local: Auditório Dois Candangos.

Dimensões em centímetros:
4,00 larg. x 1,50 prof. x 80 alt.





Mesa para o Auditório Dois Candangos.

Sergio Rodrigues, 1962.
Foto: Erika Albuquerque.

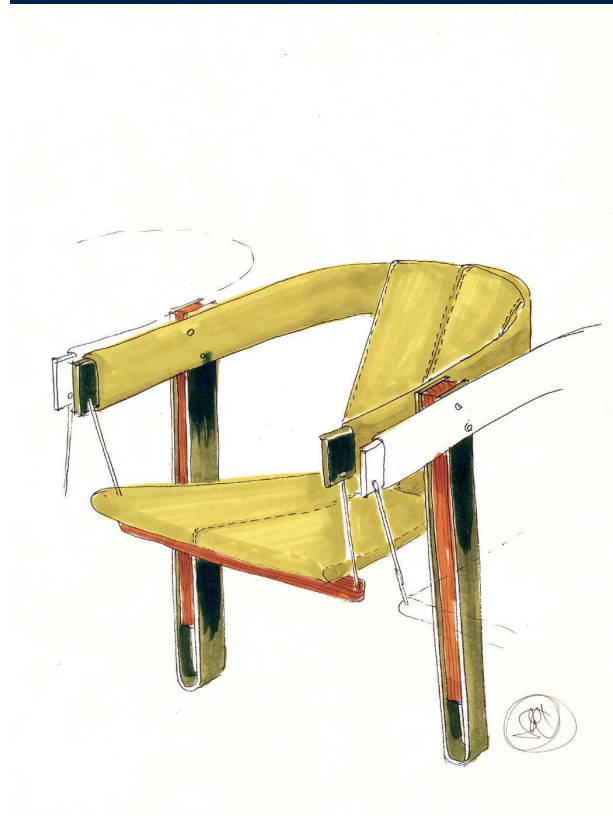
Poltrona Candango

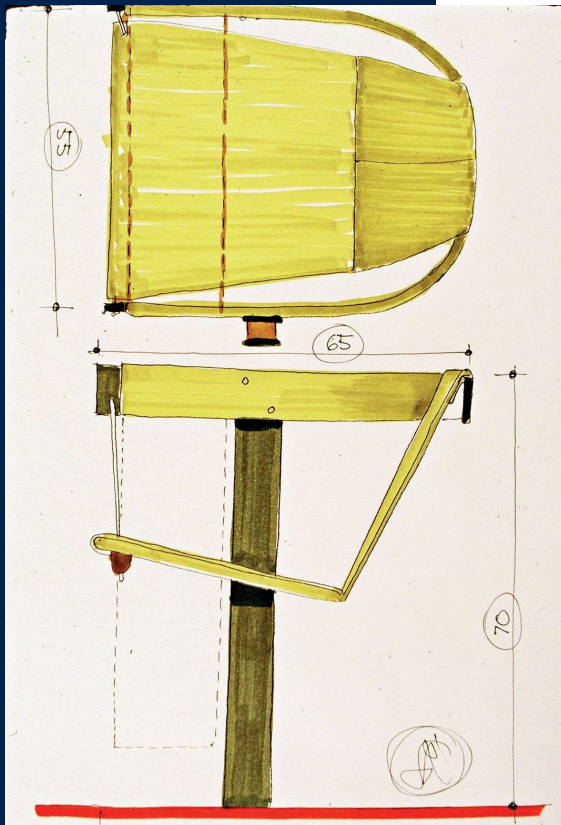
Poltrona projetada para o Auditório Dois Candangos. Embora os exemplares usados no auditório não tenham resistido muito ao uso e ao tempo, sua concepção estrutural foi empregada depois em outros teatros pelo Brasil, como é o caso do teatro do Anhembi, em São Paulo.

Data de criação: 1962.

Materiais: Barra de aço, luvas de couro, hastes metálicas.

Dimensões em centímetros:
55 larg. x 65 prof. x 70 alt.





Poltrona Dois Candangos.
Sergio Rodrigues, 1962.
Imagem: Instituto Sergio Rodrigues.

Poltrona Lia

A poltrona Lia faz parte dos móveis projetados para a Universidade de Brasília (linha UnB). Infelizmente, não foi encontrado nenhum exemplar no Campus da universidade atualmente.

Data de criação: 1962.

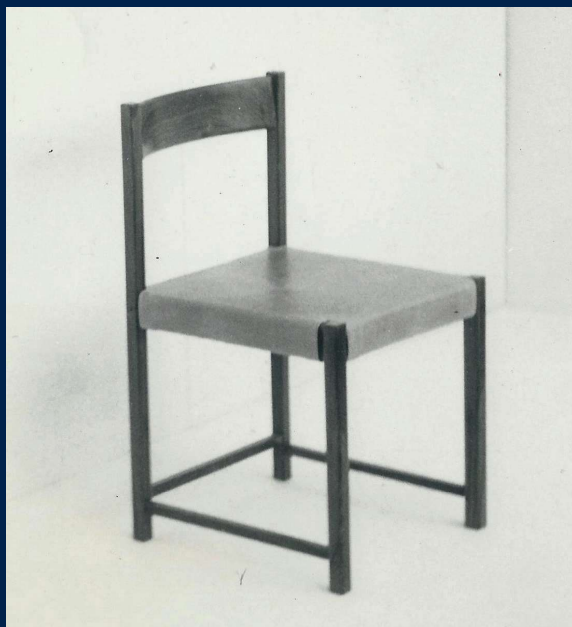
Materiais: Estrutura em madeira Jacarandá. Estofamento em espuma de poliuretano revestido em couro natural no assento e no encosto.

Dimensões em centímetros:
60 larg. x 60 prof. x 70 alt.



Poltrona Lia.
Sergio Rodrigues, 1962.
Foto: Instituto Sergio Rodrigues.

Cadeira UnB



A Cadeira UnB faz parte dos móveis projetados para a Universidade de Brasília (linha UnB).

Data de criação:1962.

Materiais: Estrutura em madeira maciça, assento e encosto em lona ou couro.

Dimensões em centímetros:
60 larg. x 60 prof. x 70 alt.

Cadeira UnB.

Sergio Rodrigues, 1962.
Foto: Instituto Sergio Rodrigues.

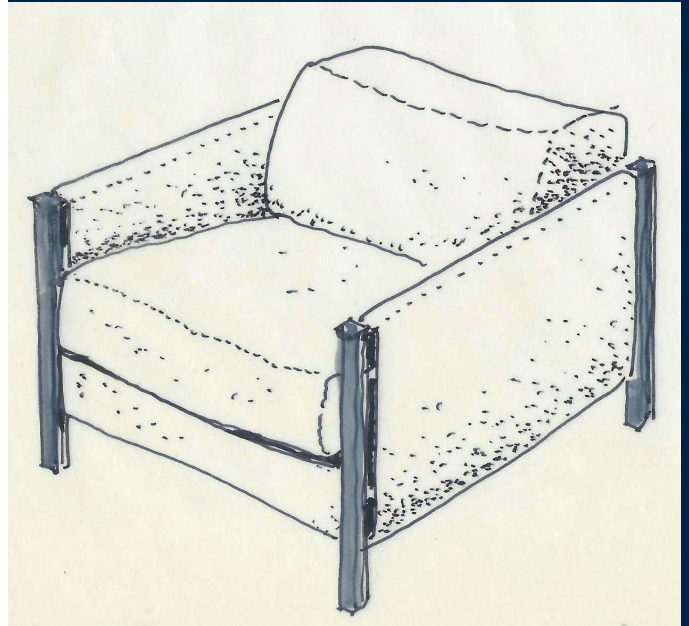
Sofá UnB

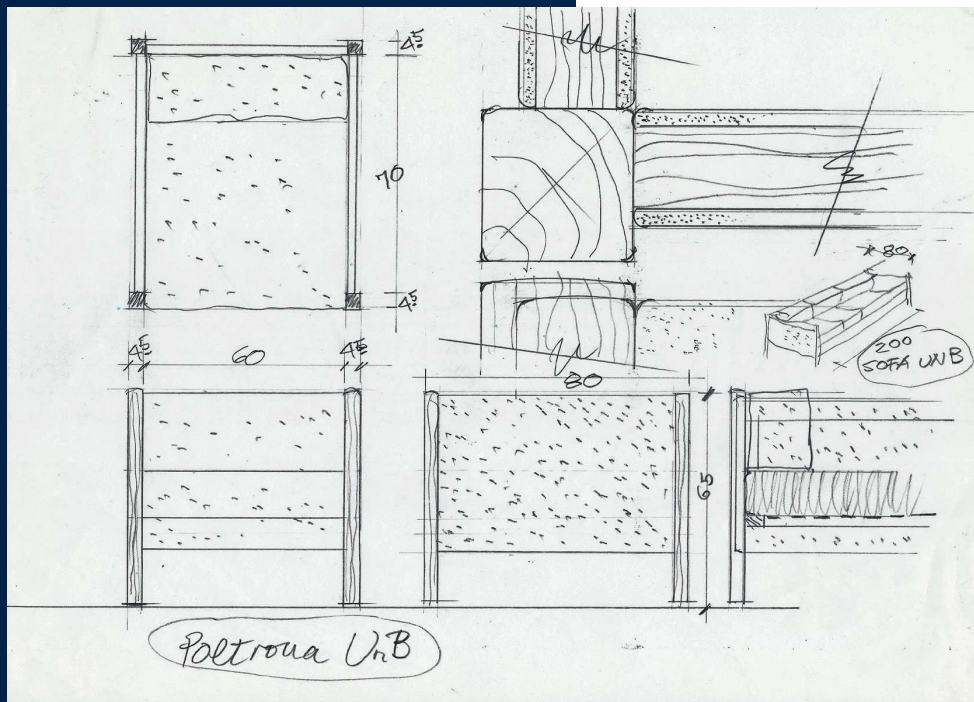
O Sofá UnB faz parte dos móveis projetados para a Universidade de Brasília (linha UnB).

Data de criação:1962.

Materiais: Estrutura sólida e rígida, almofadas soltas no chassi de madeira, enchimento de espuma de poliuretano, estofado com couro natural ou tecido

Dimensões em centímetros:
70 larg. x 75 prof. x 70 alt.





Sofá UnB.
Sergio Rodrigues, 1962.
Ilustrações.
Fonte: Instituto Sérgio Rodrigues.

Referências

BORGES, Adélia. **Maurício Azeredo: a construção da identidade brasileira no mobiliário.** São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi e P. M. Bardi, 1999.

_____. **Cadeiras brasileiras.** São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 1994.

CALS, Soraia. (Org.) **Sergio Rodrigues.** Rio de Janeiro: S. Cals, 2000.

CARTUM, Marcos; FIAMMINGHI, Maria Lydia. A evolução do design de mobília no Brasil. In: BIANCHI, Cláudia de Brito Lameirinha. (Org.) **Mobília Brasileira Contemporânea. Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, v.15, 2007.

COSTA, Lucio. Notas sobre a evolução do mobiliário luso-brasileiro. **Revista Módulo,** São Paulo, n. 3, dez. 1955.

SCOREL, Silvia. **Palácio Itamaraty Brasília:** Brasília, Rio de Janeiro. São Paulo: Banco Safra, 2002.

FORTUNA crítica Sergio Rodrigues. Curadoria de Afonso Luz. Rio de Janeiro: Instituto Sergio Rodrigues, 2018.

FROTA, Lélia Coelho. **Alcides Rocha Miranda:** caminho de um arquiteto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

GALLI, Vera. **Mobiliário Brasileiro:** a cadeira no Brasil. São Paulo: Empresa das Artes, 1988.

RIBEIRO, Darcy. **Plano Orientador da Universidade de Brasília.** Editora Universidade de Brasília, 1962.

RIBEIRO, Darcy. **UnB:** invenção e descaminho. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos:** sua essência e sua gênese. Tradução: Elane Ribeiro Peixoto e Albertina Vicentine. Goiânia: Editora da UCG, 2006.

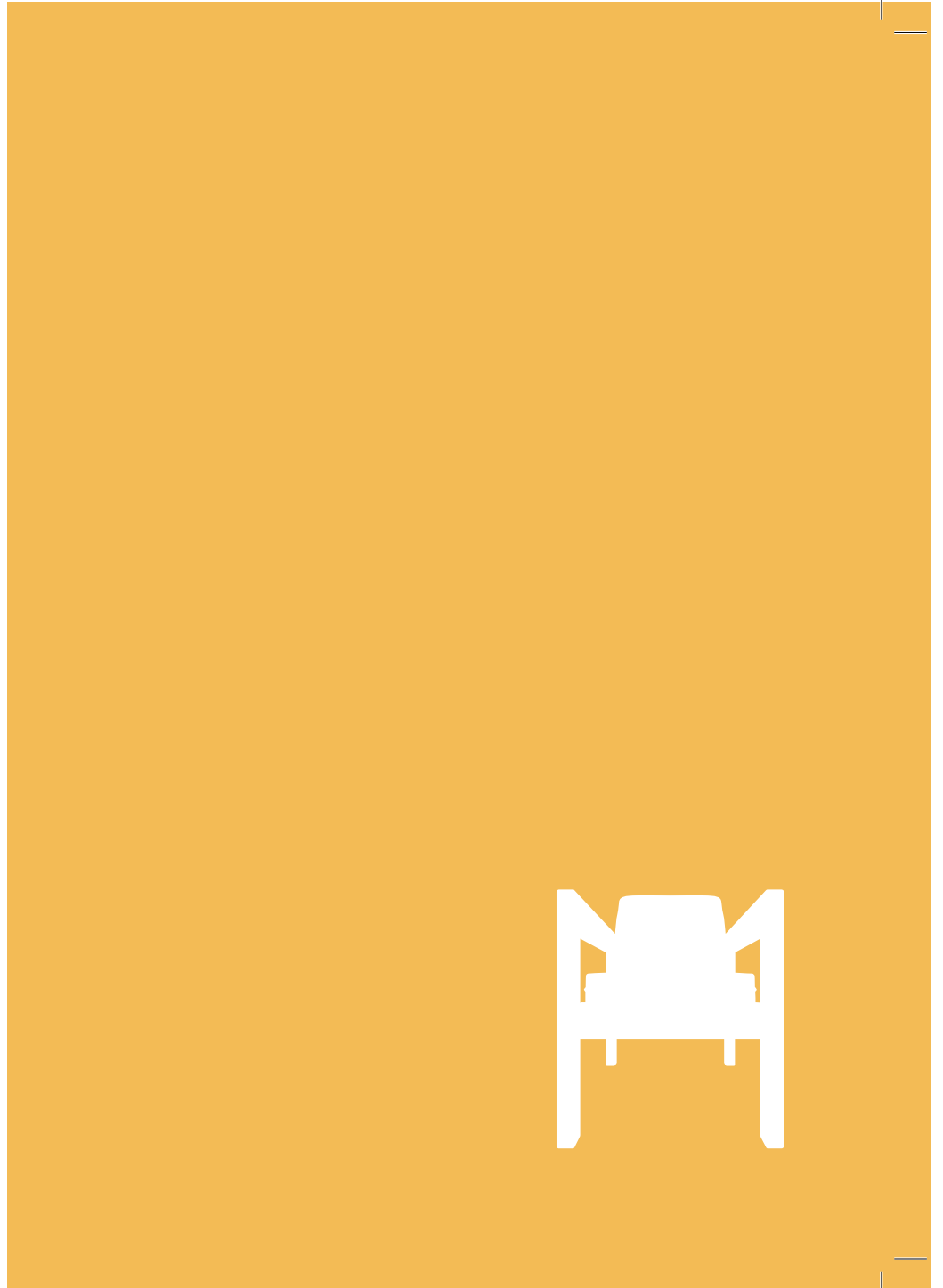
RODRIGUES, Sergio. **Entrevista com Sergio Rodrigues.** [ago. 2013]. Entrevistador: José Airton Costa Junior. Rio de Janeiro, 2013. Um arquivo em vídeo (120 min.).

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Móvel moderno no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

_____. In: CALS, Soraia. (Org.). **Sergio Rodrigues.** Rio de Janeiro: S. Cals, 2000.

VACARO, Baba. **Sergio Rodrigues:** designer. São Paulo: BEI Comunicação, 2017.

ZAPPA, Regina. **Sergio Rodrigues:** o Brasil na ponta do lápis. Perfil biográfico. Rio de Janeiro: Instituto Sergio Rodrigues, 2015.



Exposição















Exposição

Realizada no MAB Museu de Arte de Brasília.

**9 de dezembro de 2021 a
28 de fevereiro de 2022**

Quarta a domingo, das 10h às 19h
Entrada franca

APOIO

M A
MUSEU DE ARTE DE BRASÍLIA
B



REALIZAÇÃO

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal



